UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

DAVI NASCIMENTO BERÇOTT

SOCIOLOGIA DE UM POLÍGRAFO: UMA ODISSEIA A CANUDOS

BRASÍLIA
2021

DAVI NASCIMENTO BERÇOTT

SOCIOLOGIA DE UM POLÍGRAFO: UMA ODISSEIA A CANUDOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de título de Bacharel em Sociologia pela Universidade de Brasília.

Orientação: Prof, Dr. Eduardo Dimitrov.

BRASÍLIA

2021

BERÇOTT, Davi Nascimento

Sociologia de um polígrafo: uma odisseia a Canudos / Davi Nascimento Berçott – Brasília-DF, 2021.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade de Brasília (UnB), Instituto de Ciências Sociais – ICS. 2º semestre de 2020

82 f.

Orientado: Prof. Dr. Eduardo Dimitrov.

1. Euclides da Cunha. 2. Escola Militar da Praia Vermelha. 3. Diários de uma Expedição. 4. Sociobiografia.

DAVI NASCIMENTO BERÇOTT

SOCIOLOGIA DE UM POLÍGRAFO: UMA ODISSEIA A CANUDOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de título de Bacharel em Sociologia pela Universidade de Brasília.

_____

Prof. Dr. Eduardo Dimitrov
Orientador
(Universidade de Brasília)

_____

Prof. Dr. Luís Augusto Sarmento Cavalcanti de Gusmão
Examinador
(Universidade de Brasília)

_____

Me. Mateus Lôbo de Aquino Moura e Silva
Examinador
(Universidade de Brasília)

BRASÍLIA

2020

A meus pais, meus avós e meus irmãos.

AGRADECIMENTOS

Seria descaso não agradecer aos meus familiares por todo o apoio durante essa caminhada. Em especial meus pais, Cintia e César, meus avós Celene, José Flávio, Nelma e Antônio, e aos meus irmãos Débora, Rafael, e Joana.

Um erro irreparável estaria cometendo se me esquecesse de pessoas importantes que muito contribuíram durante essa jornada pessoal de aprendizado: Isaac Mariano, Elisa Pennafort, Estevam Mariano, Laura Pertence, Diogo Telheiro, Gabriela Costa, Miguel Felipe, Vitória Bartholo, Rafael Moreira, Natália Tasso, Leonardo Uderman, Theresa Ossege, Rodrigo Dantas, Manuela Costa, Vinícius Telheiro, Raphaela Sestini, Bárbara Cruchello, Gabriel Ribeiro, Natiele Martins, Sebasthian Cardoso, Laís Fortes, Gustavo Rodrigues, Isadora Fortes, Anna Villela, Lucas Ladeira, Ludmila Brasil, Marina Fonseca, Felipe Sartório, Laísa Fernandes, Luana Barcellos, Fernanda Alves, William Mello, Lara Noronha, Dmitry Galvão, Mariana Simões, Vinícius Gabriel, Júlia Uchoa, Renato Paixão, Thayná Porto, Gabrielle Alves, Luisa Arcoverde, Bruna Tavares, Clara Nabuco, Anyelle Amarante, Gabriela Lucas, Márcio Silva Leite, Lucas Pereira, Igor Peixoto, Isadora Fernandes, Nathália Barcelos, Guilherme da Luz, Miguel Barros, João Victor Lopes, Mateus Viana, Matheus Paiva, Mateus Galletti, Felipe Campos, Antonio Aurélio, Fernando Eduardo, Beatriz Reis, Guilherme da Mata, Beatriz Lacerda, Bárbara Brisa, Thiago Meireles.

Bastaria uma profunda ingratidão para desprezar a paciência e o esforço empenhados pelo professor Eduardo Dimitrov para que eu conseguisse continuar cursando o bacharel.

Sou inteiramente agradecido aos mestres Rafael Batista e Sadhana por seus valiosos ensinamentos sobre a vida.

O apoio e o incentivo à atividade crítica e intelectual, empreendidos por docentes como Carla Costa Teixeira, Ana Paula Vilarinho, Bernadete Carvalho, Giovana Acácia Tempesta, Luís Augusto Sarmento Cavalcanti de Gusmão, Edson Silva de Farias, André Cabral Honor, Sergio Barreira de Faria Tavolaro e Cristhian Teófilo da Silva, certamente ficarão como exemplos marcantes da minha formação estudantil e acadêmica.

Logram espaço igualmente significativo nesse agradecimento: todos aqueles que não foram nominalmente citados, mas sabem da sua respectiva importância para a concretização dessa pesquisa. Por fim, gostaria de agradecer à Universidade de Brasília, em especial à BCE, ao CASO e ao ANTRO.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso buscou fornecer uma compreensão sobre a formação intelectual da personagem histórica de Euclides da Cunha antes da publicação de Os sertões; enfatizando três períodos significativos desse processo formativo: sua inserção no meio letrado brasileiro; sua experiência na Escola Militar da Praia Vermelha; sua viagem ao sertão da Bahia. Os dois primeiros serviram de base para reconstruir a formação cultural de Euclides, de tal forma a possibilitar e estruturar a análise da narrativa dos artigos como correspondente dos acontecimentos em Canudos.

Palavras-chave: Euclides da Cunha; Escola Militar da Praia Vermelha, Diário de uma Expedição; sociobiografia.

RESUMEN

En este trabajo se buscó fornecer una comprensión a cerca de la formación intelectual del personaje histórico Euclides da Cunha antes de la publicación del libro Los Sertones (Os sertões); Se trató de enfatizar tres periodos significativos de su proceso formativo: su inserción en el medio letrado brasileño; su experiencia en la Escola Militar da Praia Vermelha; su viaje al sertón de Bahia. Los dos primeros sirvieron como base para reconstruir la formación cultural de Euclides, de modo a posibilitar y estructurar el análisis de la narrativa de los artículos como correspondiente de los eventos en Canudos.

Palabras clave: Euclides da Cunha; Escola Militar da Praia Vermelha; Diario de una Expedición; sociobiografia;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....11

RECORTE SOCIOBIOGRÁFICO DA VIDA DE EUCLIDES DA CUNHA.....19

1. AS RAZÕES DE UM JOVEM POLÍGRAFO.....19

2. A EXPERIÊNCIA NA ESCOLA MILITAR DA PRAIA VERMELHA E O ACIRRAMENTO DAS QUESTÕES REPUBLICANAS 32

3. O DIÁRIO DE UMA EXPEDIÇÃO E O ESBOÇO EUCLIDIANO DE UMA TEORIA SOBRE A IDENTIDADE NACIONAL.....49

CONSIDERAÇÕES FINAIS 75

ANEXO 1 – Mapa dos Territórios de Identidade do estado da Bahia 78

BIBLIOGRAFIA 79

INTRODUÇÃO

A relação entre individuo e sociedade pode ser considerada uma das questões fundantes do estudo sociológico. Diferentes pesquisadores buscaram solucionar esse problema de pesquisa de acordo com teorias, metodologias e técnicas distintas, em menção especial destaco o individualismo metodológico e o holismo metodológico. Esta monografia se apresenta atenta a essa dualidade como uma contribuição capaz de oferecer diretrizes tendo como enfoque o estudo da biografia e da realidade nacional, e estrutura-se no sentido de responder o seguinte problema de pesquisa: Quem foi Euclides antes de escrever Os Sertões; de se tornar o autor consagrado na Academia Brasileira de Letras; e em que medida percebe-se a influência da sua inserção no meio letrado, da sua experiência na Escola Militar da Praia Vermelha e da viagem à Bahia para a sua formação intelectual?

Desta feita, por conta do interesse em pesquisar sobre o Brasil no século XIX, acabei me deparando com uma figura histórica, ou melhor, uma personagem que vivenciou de perto alguns movimentos significativos para a formação da nossa identidade nacional, Euclides da Cunha. O contexto de seu período de formação intelectual já contava com a publicação de diversas obras literárias e uma vida cultural ativa no Rio de Janeiro. Talvez uma obras mais representativas seja O guarani (1857), romance do contemporâneo José de Alencar publicado em folhetim, no Diário do Rio de Janeiro, que, em termos gerais, tratava da ligação simbólica de duas “raças” interagindo na exuberância tropical brasileira, sendo um importante marco da literatura brasileira, tendo em vista que o autor se encontrava empenhado em oferecer uma definição para a questão da identidade nacional (Carvalho, 1990, p.23).

Esta obra, recebida pela população letrada da província do Rio antes mesmo do nascimento de Euclides, tem parte de sua ambientação no *sertão* ainda muito desconhecido para aquela urbanidade carioca incipiente, pois ao século XVII, época em que se passa a narrativa de José de Alencar, o território carioca que compreende as margens do Paquequer, rio “altivo e sobranceiro” que faz parte da bacia do rio Paraíba, simbolizava mistério, era motivo de bandeira, caçada e aventura. Enquanto no período Oitocentista, configurava-se como parte do município de *Cantagalo*, engendrado pela

cobiça e a oportunidade, primeiro por conta das jazidas de pedras preciosas, e segundo pelas fazendas de exploração (Alencar, 1996, p.2).

Durante meados do século XIX, o Vale do Paraíba possuiu notável importância para a economia brasileira, muito por conta de suas terras altamente produtivas, adaptadas ao plantio do café, produto central para o comércio de exportação nacional. Para além de ambiente ainda pouco explorado em seu passado imaginado e romanceado, em termos concretos é possível pensar aquele *sertão* nos trilhos de uma colonização interna, como uma novidade que prometia fortunas, capaz de mover pessoas e estórias. Euclides, como um sujeito de seu tempo, nasce em *Cantagalo* muito por conta dessa circunstância histórica, sendo seu próprio surgimento biográfico afetado pela a dinâmica social que o antecede.

Neste mesmo sentido, José Veríssimo, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, contemporâneo e correspondente de Euclides, anos mais tarde, em análise erudita sobre a História da Literatura brasileira (1915), afirmava a importância da produção literária do setecentos sobre a ordem física, psicológica, política e social do país que inevitavelmente deixaria traços na geração letrada do oitocentos (Veríssimo, 1915). A literatura romântica desta, também de importância notável para a formação dos letrados da segunda metade do século XIX, inegavelmente ligada às tradições literárias portuguesas, entra em contato com estímulos literários de diferentes culturas do mundo, e passa a elaborar um pensamento sobre a terra e seus descendentes diretos, sobre a independência, a mestiçagem, o emergir de novos tipos étnicos, os descobrimentos em expedições, as minas e os *sertões* da pátria Brasil.

O Romantismo, nesses termos, entendido como manifestação literária de grande sucesso entre o meio letrado, lançou as bases para uma reflexão teórica da realidade nacional. Em seus integrantes manifestou-se o propósito de elaborar uma literatura nacional (Veríssimo, 1915, p.7), lançaram apontamentos sobre a questão da cultura, da história, da natureza e da mestiçagem, foram influências fundamentais para a formação, no terceiro quartel do século XIX, da literatura brasileira, para o estabelecimento de um “sistema orgânico” de produções literárias voltadas aos leitores locais, fabricada por escritores formados no próprio país (Candido, 2006, p.99).

A geração intelectual mais próxima do final do século XIX, conhecida por “geração modernista de 1870” (Sevcenko, 2003, p.97), também pode ser destacada por

compor algumas das referencias intelectuais de Euclides. Em termos de continuidades, seria um erro desconsiderar o conjunto de influências que incidiram sobre esta geração sem primeiro destacar a relevância da tradição romântica brasileira, cuja influência na obra do polígrafo é direta e indiretamente percebida. Enquanto atitude intelectual destaca-se outra continuidade, a abertura a literaturas e ideias vindas de fora, contato este, por sua vez, mediado pela chegada de novas correntes científicas europeias: o positivismo comtista, o transformismo darwinista, evolucionismo spenceriano, o materialismo, o socialismo, o comtismo e o republicanismo (Veríssimo, 195, p.151).

Muito por conta do ineditismo, a publicação do livro O fim da criação (1875), escrito pelo diplomata Araújo Ribeiro, pode ser inscrita dentro desse cenário como um importante marco da reverberação da doutrina darwinista no Brasil (Veríssimo, 1915, p.151). Tobias Barreto, outra importante figura histórica que compunha o novo movimento literário brasileiro, foi descrito por José Veríssimo (1915), como um dos principais precursores do movimento modernista no Brasil, foi notadamente um intelectual afeito ao estudo da literatura científica alemã e, além escrever uma profusão de textos sobre diversos saberes e áreas do conhecimento, dentre elas teoria literária, literatura comparada, sociologia, psicologia, filosofia, religião, biologia e história, conseguiu, enquanto docente, afetar boa parte da elite letrada que com ele conviveu, desde 1882, na faculdade superior de direito em Recife (Escola de Recife).

Desta forma a produção literária dos modernistas de 1870, ancorou-se em largo campo de atuação profissional para a elite letrada brasileira. Diversos profissionais desenvolviam estudos amparados em "instrumentos teóricos" estrangeiros, fazendo emergir uma visão racionalista e naturalista que observava similaridades entre as leis sociais e as leis naturais, de tal forma a constituir uma descrição sobre a identidade nacional a partir de referenciais fornecidos pela ciência europeia, em especial de suas correntes naturalistas (Murari, 2009, p.173). É bem verdade que essa adesão era facilitada pela "visão transfiguradora"[1] incorporada nas próprias instituições educacionais nacionais[2], tendo em vista o concomitante contexto de criação e

---

[1] Candido (2006, p.103), define essa "visão transfiguradora" nos seguintes termos: "[...] ajustamento do verbo ocidental à paisagem moral e natural do Brasil.".

[2] Bosi (2004), por exemplo, destaca a presença e difusão da doutrina positivista na Escola Politécnica (RJ) e na Escola Militar da Praia Vermelha.

surgimento de conferências e cursos públicos que difundiam e agitavam as novas ideias filosóficas e cientificistas:

> Remodelava-se o antigo curso da Escola organizando-se a Escola Politécnica, acrescentando-se-lhe aos cursos profissionais as duas importantes seções de ciências físicas e naturais e ciências físicas e matemáticas. Para reger as novas cadeiras vieram da Europa professores especiais, como o físico Guignet, o fisiologista Couty, o mineralogista e geólogo Gorceix, logo depois incumbido da fundação e direção da Escola de Minas de Ouro Preto, nesse tempo criada. Também o ensino médico foi reformado, acrescido de matérias e cadeiras novas. A reforma que igualmente sofreram o Museu e a Biblioteca Nacional *determinou maior atividade e mais útil efeito destas velhas e paradas instituições*. O Museu começou a publicar os seus interessantes Arquivos em cujos três primeiros volumes (1876-1878) se encontram trabalhos originais de antropologia, fisiologia, arqueologia e etnografia e história natural de sabedores brasileiros, Lacerda, Rodrigues Peixoto, Ladislau Neto, Ferreira Pena, e estrangeiros ao serviço do Brasil, Hartt, Orville Derby, Fritz Müller e outros (Veríssimo, 1915, pp.153-154, grifo meu).

Nesta passagem de Veríssimo (1915), é possível verificar não só esse processo de transformações que as instituições nacionais viviam, mas também o resquício de uma visão partilhada por intelectuais da geração de 1870 em alguém que acompanhou e estudou de perto esse movimento histórico da literatura nacional. Tratava-se da intervenção política em institutos nacionais, principalmente através de reformas de ensino e da adesão de um corpo profissional cientificista como pressuposto para a determinação da "*maior atividade e mais útil efeito destas velhas e paradas instituições*", de tal forma a garantir o suposto progresso e a transformação do país. Por isso, bibliografias como a de Alonso (2000) e até mesmo Sevcenko (2003), enfatizam, enquanto característica desse grupo heterogêneo de intelectuais, a produção de uma ideologia modernizadora que se esforçava não apenas para a criação de uma filosofia, uma literatura e uma ciência genuinamente nacionais, mas também para a formulação de ideias capazes de contestar politicamente a ordem imperial.

> [Além de Herbert Spencer,] Outro autor a quem Sylvio Romero aderiu entusiasticamente foi o que chamou, certa vez, o 'divino Buckle'. Manifestação que lembra outra da mesma natureza, esta de Tobias Barreto, que escreveu: 'A Alemanha é minha loucura, o meu *fraco* intelectual'. Mas, talvez o vulto de nossas ciências sociais que foi mais vítima do dogmatismo tenha sido Nina Rodrigues. Toda a sua obra sobre o negro no Brasil é elaborada a partir de um ato de fé na santidade e na veracidade da ciência social europeia. (Ramos, 1995, p.39).

Em Crítica à Sociologia Brasileira, publicada em 1957, Guerreiro Ramos realiza amplo esforço crítico sobre a emergente sociologia nacional, inserida dentro deste segmento intelectual geracional, enfatizando, como tendência desta produção

sociológica, a incorporação de materiais teóricos estrangeiros para a interpretação de realidades e critérios nacionais (Ramos, 1995, p.38). Para efeito de exemplificação, podemos pensar que, aos exóticos (Velho, 1981, p.126), em muitos casos latinos e sertanejos, caberia o papel de objeto da prática analítica fundada em parâmetros e critérios observados em outras sociedades – em sociedades alienígenas. Desse modo, comparativamente estabeleceram-se metodologias evolucionistas que reafirmavam um modelo de manifestação cultural, social, política, a partir da estratificação valorativa do diferente. Enquanto tradição histórica, talvez fosse impossível para os intelectuais de 1870 fabricarem uma crítica dos parâmetros de ferramentas fundidas em tão pouco tempo e difundidas com tanto entusiasmo (Schwarcz, 1993, p.32).

Certamente, a execução deste trabalho sociológico observou nesta valiosa contribuição crítica a necessidade de priorizar um estudo da realidade histórica nacional como pressuposto de investigação e de interpretação da pesquisa. Portanto, senti a necessidade de estudar toda uma ampla conjuntura nacional, de modo a formular um recorte panorâmico do Brasil (1870-1889) no intento de estabelecer uma interpretação mais própria e autônoma sobre o contexto histórico, de modo a possibilitar uma visão mais total sobre o contexto de social, político e econômico de surgimento da personagem histórica.

Por isso, o primeiro enfoque deste estudo, tratou-se de entender as consequências da Guerra do Paraguai (1865-1870), pontuada por diversas bibliografias, dentre elas: Schwarcz & Starling (2018), Carvalho (2006), Castro (1995), Del Priore & Venancio (2010), Schulz (1994); como importante acontecimento histórico capaz de provocar abalos na estrutura social e política do governo imperial vigente, pela formação de uma oposição militar representada, neste trabalho, especialmente pela figura histórica de Benjamin Constant, combatente do referido conflito e professor de Euclides da Cunha.

Em seguida, procurou-se alastrar a compreensão da estrutura econômica escravista e rural brasileira, da sociedade fortemente influenciada por tradições coloniais, pela dominação e “hegemonia senhorial”, do desenvolvimento das atividades agrícolas cafeeiras e dos centros urbanos no sudeste do país, principalmente no Rio de Janeiro, de tal forma a priorizar o entendimento da participação do “amefricano” (Gonzalez, 1998) como personagem central capaz de impulsionar a dinâmica social da

produção voltada ao mercado externo e interno, pessoas escravizadas que trabalhavam em diversos setores da economia, alguns deles artesanais e industriais (Moura, 1988, p.67). Dentre algumas bibliografias pesquisadas destaco: Gonzalez (1988), Ramos (1995), Moura (1988), Nascimento (1978), Santos (1993), Furtado (1979), Nascimento (2014), Holanda (1995), Queiroz (1976).

O terceiro enfoque desta pesquisa buscou formular uma compreensão sobre a composição da elite letrada do país, a partir do entendimento da educação como um elemento de distinção social, em face da representatividade minoritária e poderosa da população alfabetizada e com estudos superiores. Nesse sentido, o estudo destacou a importância das faculdades de cursos jurídicos do Brasil, Olinda e São Paulo, para a formação de intelectuais que participavam nos cargos político-administrativos do governo imperial (Carvalho, 2006, pp. 79-80), o incremento da classe média como força política emergente que iniciava a travar oposição com os valores políticos da forma de governo monarquista vigente (Manifesto Republicano Brasileiro, Sociedade Positivista). Dentre as referências que compõem esse percurso de investigação, destaco: Carvalho (2006), Schwarcz (1993), Ramos (1995), Schulz (1994), Bosi (2004).

No quarto movimento de texto, procurou-se compreender o cenário social dos principais eventos históricos do panorama referido, a Abolição e o golpe da República. Em termos gerais, tratou-se de destacar alguns veículos de imprensa que difundiam propagandas abolicionistas e de compreender alguns dos impactos do fim da escravidão sobre a população negra liberta. Quanto à mudança da forma de governo, a pesquisa se debruçou sobre a importância da Escola Militar da Praia Vermelha como centro de oposição política e intelectual ao governo imperial, local este que abrigou Euclides da Cunha durante sua formação superior. Dentre os acervos bibliográficos que serviram de fonte, destaco: Nascimento (1978), Ramos (1995), Moura (1988), Schwarcz & Starling (2018), Castro (2000), Carvalho (2006), Queiroz (1976).

Seria errôneo pensar que, por optar por esta metodologia de pesquisa, estivesse me posicionando contrariamente ao contato com o “patrimônio sociológico alienígena” (Ramos, 1996, p.10), pois, em consonância com Guerreiro Ramos (1996), entendo que a prática científica se constitui em critérios, em ferramentas, em práticas, em interações que escapam os limites territoriais de uma nação, sendo, portanto, estabelecida também a partir dos intercâmbios culturais e científicos entre diversas regiões do mundo.

Nesses termos, entrar em contato o método de análise da sociobiografia em Mozart: sociologia de um gênio, de Norbert Elias (1995) foi um importante acontecimento para a minha formação acadêmica, em vista o esforço de sua pesquisa em oferecer uma alternativa aos esquemas conceituais presentes em obras e referências clássicas do campo da Sociologia. Ademais, a possibilidade de transmitir um conhecimento sociológico mais acessível e demonstrativo, evidenciando em termos práticos a relação entre a estrutura social e as construções simbólicas subjetivas, serviu de apoio para a tentativa de materialização de uma narrativa compreensível sobre o funcionamento de uma determinada cultura e sociedade.

Devo dizer: observar o curso de vida de uma pessoa me fez aprofundar meus conhecimentos históricos, sociológicos, antropológicos e econômicos sobre o Brasil. Certamente as contribuições de Elias (1994), sublinhando a necessidade de pesquisar e entender a dimensão de temporalidade que abriga o conjunto de vivências subjetivas corroborou com meus desejos pessoais de compreender a forma como a sociedade brasileira se estruturou, as suas especificidades históricas, e as tensões entre as forças sociais que, coercitivamente, pressionam o indivíduo a uma determinada função social na estrutura social – muitas vezes contra seus desejos pessoais. Além destas referidas bibliografias, destaco outras importantes contribuições sobre o debate da sociobiografia como metodologia de pesquisa: Carvalho (2003), Ferrarotti (1991), Bueno (2002), Moreira (2013), Montagner (2007).

Por isso, optei por organizar estruturalmente esta monografia como recorte sociobigráfico, me valendo do estudo das condições sociais de existência da personagem histórica, Euclides da Cunha, tendo como premissa a centralidade do estudo sobre a formação individual para a compreensão da sociedade brasileira. Desta forma, nas duas primeiras partes que compõem este texto, procurei explicitar alguns dos elementos culturais fundamentais para a formação da personagem histórica – investigar o familiar, seus sentimentos (análise de algumas poesias), os enfoques de estudo desenvolvidos a partir das experiências educacionais, as preferencias literárias, a inserção no meio letrado, os processos de socialização durante o período da sua infância-adolescência e a experiência como estudante na Escola Militar da Praia Vermelha.

Com a intenção de entender aquilo que culturalmente foi naturalizado na sua socialização, que viria a compor parte do patrimônio cultural necessário para elaboração da sua sociologia expressa no Diário de uma Expedição, estabeleci nestes capítulos um conjunto de informações centrais que pudessem me auxiliar a entender algumas das manifestações intelectuais expressas no diário de viagem na Bahia. Ao ser enviado como correspondente dos acontecimentos de Canudos, Euclides, observador-narrador, elabora um importante documento que inegavelmente representa um dado constituinte da consciência nacional e da identidade cultural brasileira e latino-americana, tanto nos dias de hoje quanto nos tempos que foram (Ventura, 1990, p.131).

Desta forma, é importante dizer que esta monografia tem como limite a elaboração deste diário de viagem, pois entendo nele o esboço do monumento da teoria da nacionalidade erguido em Os sertões (1902), em sua narrativa encontramos diversas preocupações com a problemática da identidade nacional, com a suposta situação de atraso civilizatório, com a relação entre as especificidades nacionais, o meio e a raça, para a determinação das qualidades e defeitos sociais e morais dos brasileiros, de um modo geral, e mais detidamente dos sertanejos da Bahia.

Por fim, as ideias que nortearam a estrutura da análise do Diário de uma Expedição buscam entendê-lo a partir de três principais fundamentos: (i) como parte central da trajetória individual, por isso o eixo de interpretação seguirá o roteiro de movimentação e as referencias territoriais de deslocamento de Euclides (chegada à Bahia, estrada para Monte Santo, Queimadas, Monte Santo, Canudos); (ii) como esboço da teoria da nacionalidade do autor, os primeiros elementos que embasaram a sua fundamentação teórica e sociológica; (iii) como narrativa autobiográfica, perceber nos relatos que aparentemente soam subjetivos a sua carga sociológica, a partir da dualidade do exótico e familiar (Velho, 1981).

RECORTE SOCIOBIOGRÁFICO DA VIDA DE EUCLIDES DA CUNHA

1. AS RAZÕES DE UM JOVEM POLÍGRAFO.

Neste capítulo, trata-se de acumular um conjunto de informações sobre a personagem histórica para melhor entender algumas de suas motivações expressas no Diário de uma Expedição*:* infância-adolescência, entender os processos de socialização primária, identificar os primeiros acontecimentos da vida de Euclides, sua socialização, sua formação escolar, aspectos da sua vida subjetiva e social (**objetivo específico 1**).

O município hoje conhecido como Cantagalo fora habitado, inicialmente, por remanescentes de comunidades tradicionais, índios Coroados, mas cartografada por uma autoridade colonial, um militar, Sargento-Mor Manoel Vieira Leão, que, por volta de 1767, determinou uma grande extensão territorial que compreendia as afluentes Paquequer e Grande, do Rio Paraíba do Sul, e que posteriormente viria a abrigar um arraial (IBGE, 2015). O território, que antes era conhecido como *Sertão do Macacu*, nas últimas décadas do século XVII seria denominado como *Cantagalo das Novas Minas dos Sertões de Macacu*, naquele período contava-se cerca de 200 moradores (Barbosa, 2014, p.42).

Conhecida pelo fracasso da Corte no controle e arrecadação das jazidas mineiras, em 1805 assinalava a presença ainda incipiente do café, que anos depois se configuraria o principal produto plantado nas lavouras e fazendas da região (IBGE, 2015). A ocupação do arraial de Cantagalo expandiu-se fundamentalmente pelas atividades agrícolas que, nos primeiros anos do Oitocentos, foram empreendidas no abastecimento dos mercados da cidade do Rio de Janeiro (Barbosa, 2014, p.44). As novas terras abrigavam o desconhecido, a exploração da sua exuberante e misteriosa floresta tropical, bem como o interesse por terras produtivas, justificavam parte do movimento migratório em busca de oportunidades e vantagens econômicas (Barbosa, 2014, p.44).

Alçada à condição de Vila, em 1814, por conta de um alvará do príncipe regente D. João, a região que, naquele tempo, era conhecida como “São Pedro de Cantagallo” (IBGE, 2015), representava importante zona produtiva no panorama nacional e internacional. Desde cedo algumas de suas fazendas intercambiavam e comercializavam com o centro do Rio de Janeiro, de tal modo que a incorporação de particularidades produtivas mais modernas, emprego de equipamentos, máquinas e estufas, teria favorecido o seu rápido desenvolvimento registrado, principalmente através do avanço dos cafezais (Barbosa, 2014, p.45).

> Na segunda década desse século, porém, a terra cobriu-se de cafezais, e o café cuja produção triplicou no vale do Paraíba da década de 1830 à de 1860, tornou os antigos assentamentos mineiros do interior da província do Rio muito mais ricos do que tinham conseguido com o ouro. (Amory, 2009, p.26).
>
> As décadas de 1820 a 1860 foram um período crucial de crescimento e consolidação da produção cafeeira. Moldava-se um quadro social em que as *plantations* do Vale do Paraíba compunham, na época, a importante geografia do café da região com sua produção voltada para a exportação. (Barbosa, 2014, p. 48).

Naturalmente, uma vez que a região do Cantagalo se apresentava como uma terra de novas oportunidades lucrativas, diversos trabalhadores livres buscavam uma condição de vida que favorecesse a realização do sonho de se tornarem cafeicultores nas terras ainda pouco exploradas da província. Na segunda metade do século XIX, os proprietários da região assumiam papéis sociais de importância na política e economia do país, suas grandes fazendas se estruturavam em regime escravista de *plantation*, e chegaram inclusive a liderar, no território fluminense, as exportações aos principais mercados consumidores de café do mundo (Barbosa, 2014, p.48).

Essa rápida expansão cafeeira, ademais o aumento no valor do produto, foram os principais motivos que favoreceram impulsos migratórios para a região, por isso a ocupação das encostas das serras atlânticas e os conflitos pelas terras cultiváveis tornaram-se frequentes, assim como o intenso fluxo de negros escravizados (Barbosa, 2014, p.50). O desenvolvimento econômico de Cantagalo representou o surgimento de uma nova riqueza agrícola no Vale do Paraíba, ao exemplo de auditores, contadores e guarda-livros, esse fenômeno redundou em oportunidades, como foi o caso do pai de Euclides da Cunha, Manuel Rodrigues Pimenta da Cunha. Possivelmente, este percorreu as principais freguesias do município, passando por São Sacramento, Santa Rita do Rio Negro, Nossa Senhora Monte Carmo e São Francisco de Paula, em busca de um

emprego e talvez nutrindo o sonho de torna-se, algum dia, fazendeiro em terras tão produtivas.

Manuel era originário de família luso-brasileira, seu pai, um português que além de fazendeiro na Bahia, também era traficante de escravos e sua mãe, Teresa Maria de Jesus, brasileira de origem indígena (Nogueira, 2017, p.12) e de família sertaneja do interior baiano, viviam em boa condição financeira. Contudo, após a morte do patriarca, acabaria por se desentender com seu novo padrasto, um baiano chamado Joaquim Pereira Barreto, e, por volta de 1860, acompanhado de seu irmão, Antônio, desembarcariam no porto da "florescente" província do Rio de Janeiro (Amory, 2009, p.28). Cantagalo, nesse contexto, se apresentava como a mais recente novidade lucrativa, e fora dessas andanças pelas fazendas da região, a procura de empregar-se como perito contador, que Manuel acabou encontrando a filha de Joaquim Alves Moreira, Eudóxia Moreira da Cunha, com quem acabaria por se casar e herdar, com dote da esposa, uma pequena fazenda em Santa Rita do Rio Negro (Amory, 2009, p.28).

Desta união nasceu, no dia 20 de janeiro de 1866, nordeste da província do Rio de Janeiro, mais precisamente na fazenda "Saudade", propriedade de seus avós, pequenos cafeicultores da região, Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha (Amory, 2009, p.25). Nasceu no auge da plantação cafeeira da região, período marcado pelo alto número de exportações do produto, e possivelmente desde pequeno conviveu de perto com a escravidão, em vista que, mesmo com a abolição do tráfico em 1850, os proprietários de Cantagalo regularmente repunham a mão de obra por conta da comercialização interna e consequente migração forçada de amefricanos e, com isso, acumulavam fortunas capazes de transformar estruturalmente o município (Barbosa, 2014, pp.55-57).

Bem verdade que em termos nacionais a urbanização brasileira se acelerava, a produção de café despontava como um dos principais produtos criadores de riqueza do país, estradas de ferro se construíam para escoar a produção agrícola, os portos se melhoravam para recebê-la, surgia um sistema relativamente dinâmico de interação e integração limitada entre os estados mais ao sul: São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais (Santos, 1993, pp.26-27). É no ambiente social de bases rurais escravistas que o menino Euclides dá seus primeiros passos, naquele interior ainda pouco explorado nas suas potencialidades econômicas, associado à palavra *sertão*, em processo de

desmatamento e na constituição de pequenas e grandes fazendas de plantação, marcou o inicio da trajetória de um autor que permaneceria marcado na história da intelectualidade brasileira.

Sua vida foi marcada por tragédias familiares: logo aos três anos de idade Euclides vivenciou de forma intensa a experiência traumática de perder a mãe, Eudóxia, para a tuberculose, deixando cicatrizes em sua memória. Essa experiência transformou a criança em órfão materno, e mudaria completamente o destino da família, pois seu pai venderia a fazenda em Santa Rita do Rio Negro, adiando o sonho de tornar-se fazendeiro, e confiaria seus dois filhos, Euclides e Adélia, aos cuidados de Rosinda de Gouveia, tia materna que morava na vila serrana de Teresópolis (Amory, 2009, p.26). A mudança, de Santa Rita à Teresópolis, foi o primeiro sinal da vida peregrina que Euclides levaria pelo resto de sua trajetória. Quanto ao amargo drama de ver a morte diante de seus olhos, este não tardaria a retornar: no ano seguinte sua tia Rosinda também viria a falecer, "[...] a outra irmã Moreira, Laura Garcez, assumiu os cuidados dos dois órfãos ao lado de seus dois filhos (um destes adotado), na grande Fazenda São Joaquim em São Fidélis, vila situada um pouco acima e a leste de Cantagalo." (Amory, 2009, p.26).

O pai, Manuel, passaria a visitar os filhos esporadicamente na residência do coronel Magalhães Garcez, marido de Dona Laura e chefe de uma facção local do Partido Liberal, Euclides passaria a conviver pouco com seu pai e ainda moraria de favor junto com a irmã na casa de seus tios e seus primos (Amory, 2009, p.30). Foi distante da companhia e da influência cotidiana de seu pai que iniciou seus estudos primários na escola São Fidélis e a frequentou até os dez anos de idade. Durante esse tempo, em que começou a entrar em contato com os costumes da classe senhorial brasileira, as alusões às tradições inglesas e francesas tornaram-se mais comuns, muito devido à interiorização da cultura europeia e luso brasileira nos centros urbanos do Rio de Janeiro (Amory, 2009, p.34). Mesmo nascido na "roça", é possível aferir que desde pequeno, o jovem esteve em contato direto com algumas normas, valores e regras presentes na vida litorânea e urbanizada do país, convivia com a leitura, e encontrava a sua disposição, nas bibliotecas, livros de autores brasileiros e europeus (Amory, 2009, p.35).

A história nacional demonstrava que o letramento aparecia quase como um mecanismo obrigatório para a possibilidade de ascensão social: grupos que angariavam prestígio dentro da sociedade brasileira, ocupando funções administrativas relevantes, possuíam em seu passado alguma ligação com instituições de ensino. Diferentemente da primeira metade do século XIX, em que os brasileiros se formavam para o magistério em Coimbra, a distinção da diplomação no ensino superior, na segunda metade do Oitocentos, passava a ser largamente realizada nas principais faculdades de Direito do Brasil, Olinda e São Paulo, muitos bacharéis dos cursos jurídicos dessas instituições compunham o quadro nacional político-administrativo, em outros termos, a elite política[3].

> De acordo com o Censo de 1872, somente 16,85% da população entre seis e 15 anos frequentava escola. E havia menos de 12.000 alunos matriculados nas escolas secundárias numa população livre de 8.490.910 habitantes. Os dados de ocupação fornecidos pelo Censo de 1872 permitem calcular o número de pessoas com educação superior no país em torno de 8.000. (Carvalho, 2006, p. 80)

Portanto, é possível pensar que este período da vida de Euclides seja marcado pela iniciação nos processos de alfabetização, de modo a garantir a formação das primeiras credenciais neste tipo de socialização prevalecida por uma maioria supostamente branca, em vista que o acesso à educação primária, o letramento na língua portuguesa e o aprendizado das operações matemáticas como prioridade social, encontrava-se representado em parcela muito minoritária da população nacional. O acesso às instituições e instruções para o desenvolvimento de tais habilidades configurava-se como privilégio restrito a poucos estratos sociais da realidade brasileira, em geral nas classes sociais mais remediadas.

Mesmo sendo membro integrante do grupo de parentela composto por família bem posicionada socialmente por conta da importância econômica do café produzido próximo à bacia do rio Paraíba do Sul, ao pai de Euclides demorou algum tempo para conquistar seu lar próprio após vender a fazenda que tinha recebido como dote de sua esposa. Desse modo, a situação de parentela (Queiroz, 1979), representada pela dinâmica dos filhos morarem com seus tios, assegurava ao jovem uma formação intelectual privilegiada. Este gozava do direito de habitar e circular livremente em uma

---

[3] Segundo Carvalho (1990), a lei eleitoral de 1881 introduziu o voto direto em um turno e exigia dos eleitores saber ler e escrever, reduzindo de tal forma o eleitorado que antes compunha 10% da população e depois passou a representar menos de 1% do total de 14 milhões de brasileiros.

cidade com relativo desenvolvimento cultural e de frequentar, durante toda a sua vida, diversas instituições de ensino.

Estava próximo de representações teatrais de companhias portuguesas, musicais com orquestras, e da publicação de três jornais bissemanais que além de noticiar, apresentavam peças recreativas e "veleidades literárias" dos cidadãos (Amory, 2009, p.35). O contato com essa realidade social facilitava a constituição de saberes e habilidades intelectuais que posteriormente viriam compor alguns de seus referenciais culturais, os parâmetros educacionais estabeleciam-se na obrigatoriedade de frequentar a escola, de aprender a ler, escrever, interpretar, contar, somar, multiplicar, os parâmetros urbanos possibilitavam ao jovem observar nos calçamentos e na arquitetura das casas, das esquinas e das ruas outro referencial, desta vez, afeito à estética e à política da forma de estruturação dos espaços dos espaços urbanos.

Especialmente por possuir na influência de seu pai, alguém versado no estudo e na aplicação prática das ferramentas matemáticas, um guarda-livros, uma referência familiar na execução da tarefa da contabilidade e da auditoria fiscal, crescia em ambiente que valorizava o aprendizado escolar como importante etapa do desenvolvimento pessoal e profissional. Talvez o pai, possivelmente afligido pelas dificuldades de manter e cuidar de duas crianças observasse nesse contexto uma excelente oportunidade, amparada pela parentela, de lograr aos filhos a possibilidade de crescerem e desenvolverem suas primeiras habilidades intelectuais em ambiente cultural, social, economico e territorialmente privilegiado.

> Nas bibliotecas dos clubes, como nas ricas vivendas daquela época, podiam ser lidos, além dos poetas e romancistas nacionais em voga, Voltaire, Rousseau, Montesquieu, Victor Hugo, Lamartine, Musset, cujas idéias, misturadas mais tarde às de Comte, legaram ao menino-moço as inquietações filosóficas que raro não roubam aos artistas a segurança de que não podem prescindir (Andrade, 2002, p. 24).

Algumas doutrinas como o evolucionismo social, o social-darwinismo, o positivismo, o naturalismo e o republicanismo, bem como a literatura produzida nos Estados Unidos, já eram difundidas à população letrada, de tal forma a influenciar a produção literária brasileira, a construção ainda incipiente de heróis e enredos (Schwarcz, 1993, pp.27-30). O Brasil contava com centros de ensino nacionais, tal como o Instituto Histórico e Geográfico (1838), os museus etnográficos, as faculdades de direito e medicina, simpáticos à chegada das teorias filosóficas e dos modelos

interpretativos da sociedade que legitimavam o estabelecimento de diferenças sociais, raciais, e que interpretavam negativamente os projetos nacionais favoráveis à inclusão da mestiçagem (Schwarcz, 1993, p.14).

Em termos de cenário, ainda destacam-se as manifestações republicanas, diversos intelectuais, e proprietários de terras, dentre eles Miguel Vieira, Saldanha Marinho, Salvador Mendonça e Quintino Bocaiúva, se articulavam para a formulação de uma importante reclamação sistematizada sobre as normas institucionais e sociais vigentes, fazendo emergir uma interpretação política da realidade social de outra força emergente que buscava acesso à esfera de decisão política, a classe média (Ramos, 1995, pp. 81-82). Sem dúvida, aos inseridos na população letrada, o Manifesto Republicano representava um marco inaugural da propaganda republicana nacional, e Quintino tinha grande importância na elaboração do documento e na constituição do Partido Republicano da época. Este foi um dos principais republicanos a entender na indignação dos militares – crescente principalmente após a experiência trágica da Guerra do Paraguai –, e a possibilidade de uma articulação mais ampla para a instauração da República no Brasil; aliava-se aos liberais que entendiam no modelo norte-americano a exemplificação histórica do sucesso das soluções federativas para a interrupção da política centralizadora imperial[4]

Esta intelectualidade, com passagem inclusive por instituições de ensino nacionais, inserida no centro urbano e voltada à prática política que contestava o regime monárquico, não desejava a abolição imediata, pois não tinham a pretensão de convulsionar a sociedade brasileira, mas sim "esclarecê-la" (Manifesto Republicano Brasileiro, 1878, p.59). Os rompantes dessa ruptura crítica não tencionavam a demolição de um sistema escravista secular, haja vista o contexto social carioca marcado pela "hegemonia senhorial" (Nascimento, 2014, p.191). Logo, se vê que os valores racistas estruturavam o ideário do quadro administrativo da monarquia e dessas mobilizações de oposição ao modelo de governo, resultado prático do enraizamento da população letrada aos modelos evolucionistas, as teorias raciais, e da racionalidade científica eugênica presente na literatura europeia difundida na cidade do Rio de Janeiro.

---

[4] "Convinha-lhes a definição individualista do pacto social. Ela evitava o apelo à ampla participação popular tanto na implantação como no governo da República." (Carvalho, 1990, pp.24.).

Era possível ver o resultado desse processo de incorporação de conhecimentos, valores e práticas europeias em situações mais triviais da realidade de Euclides. Em seu último ano frequentando a escola de São Fidelis, tirou uma fotografia em estúdio fotográfico. Desde 1870, o retrato fotográfico já havia se popularizado enquanto um recurso de representação mais barato, alternativo à pintura, e consolidava-se em um mercado consumidor heterogêneo, do qual participava não só a classe senhorial de fazendeiros escravocratas, associada às figuras dos tios Magalhães e Laura Garcez, mas também a população urbana de um modo geral, comerciantes, profissionais liberais, tal como seu próprio pai, Manuel, e até mesmo pessoas que haviam sido escravizadas.

Figura 1 – Retrato fotográfico de Euclides da Cunha.

Fonte: Amory (2009)

Ainda criança, Euclides aparece de pé e escorado em uma escrivaninha, vestindo um terno com colarinho de bico e uma gravata borboleta. A corrente que aparece na

altura de sua cintura compunha um relógio e era feita de ouro, em sua mão direita segurava um livro, de modo a compor um cenário, uma encenação de um estilo de vida comumente utilizada em diversos outros retratos fotográficos da época[5]. Esta representação, também conhecida por *carte-de-visite*, era um recurso à inacessibilidade geral da adesão ao retrato pintado por um artista e, além de aliar em suas técnicas arte e ciência, servia para compor álbuns, regalos de lembrança ou mesmo para a exposição nas mesas das salas de estar (Mauad, 2019).

Euclides, naquela foto, encenava um estilo de vida. Suas roupas, sua postura, seu cabelo e o livro compunham marcas visuais, exerciam o papel de "uma mascara social" (Mauad, 2019, p.8) e asseguravam à criança símbolos capazes de lhe emprestar legitimidade e distinção social, além de emoldurar uma memória vinculada a certos comportamentos associados aos costumes europeus (Mauad, 2019). Talvez o retrato servisse como uma recordação do seu processo de alfabetização, certamente essa experiência significava um ritual da sua inserção no circuito cultural do Rio de Janeiro, que desde aquela época pretendia-se internacional.

A conclusão da educação primária de Euclides ainda é marcada por uma importante instituição, o Colégio Caldeira, que possivelmente um período formativo relevante do desenvolvimento de habilidades e ferramentas necessárias para o futuro contato com teorias científicas estrangeiras. Criado por um português liberal chamado Francisco José Caldeira da Silva, frequentado pelo jovem polígrafo e seus primos, era uma escola particular destinada aos filhos de fazendeiros e comerciantes, um espaço de escolarização voltado para uma formação erudita e com referências europeias e elementos culturais pedagógicos valorizados pela elite letrada litorânea. Seu currículo abarcava o ensino de Gramática Portuguesa, Retórica e rudimentos de Latim, Francês e Inglês (Amory, 2009, p.35).

Aos que matriculavam seus filhos na escola, ao menos, fazia-se o desejo de que os jovens aprendessem os rudimentos do Francês e o Inglês, de tal forma que o acesso a determinadas produções culturais europeias chegassem aos seus filhos com maior facilidade. Euclides fazia parte desse jogo, e sua educação se aproximava daquela vivida

---

[5] "[...] os gastos com fotografia não pesavam no custo orçamentário de uma família urbana no século XIX, principalmente porque as idas aos fotógrafos não eram tão assíduas, talvez uma ou duas vezes por ano, ou em ocasiões especiais." (Mauad, 2019, p.29).

pelo filho de fazendeiro, embora ao seu pai lhe faltasse fazenda. É muito prematuro ainda assegurar que nessa etapa de sua vida o filho do guarda-livros tivesse domínio das teorias positivistas e evolucionistas engendradas além-mar, entretanto é irrefutável considerar a disponibilidade de diversos livros ao interesse de um jovem estudioso e afeito aos prazeres da leitura, em textos ainda não traduzidos, de difícil acesso, e em produções literárias nacionais.

> Os anos decorridos no Colégio Caldeira salientaram mais, para os que com ele conviviam, a sua inteligência, a sua altivez, o seu retraimento. Tomava contato com outro mundo, o dos livros, e, através deles, com o século bem-falante e otimista, que aqui chegava de Paris em todos os navios (Andrade, 2002, p. 24).

Quando possuía por volta de onze anos, por desejo de sua avó paterna, Teresa Maria de Jesus, Euclides foi mandado a Salvador para iniciar sua educação secundária; entretanto sua experiência no Colégio Bahia não seria duradoura (Amory, 2009, p.30; p.35; p.36). Retornou ao Rio de Janeiro acompanhando o pai, e manteve-se alojado na casa de parentes, dessa vez junto do seu tio paterno Antônio e de sua tia Carolina da Cunha (Amory, 2009, p.30). O jovem poderia, nessa altura, declarar-se um nômade, pois permanentemente mudava-se de região em região, de habitação em habitação, percorrendo não só o interior do Rio de Janeiro, mas também outra província do país, sempre encontrando abrigo em sua rede familiar, mesmo sem possuir residência própria.

Desta forma, Euclides transitou por diferentes instituições de ensino, durante 1879 até 1882, frequentando diversas escolas, dentre elas o Colégio Anglo-Americano, o colégio Vitório da Costa e o colégio Menezes Vieira (Amory, 2009, p.36). Contudo, foi no popular Colégio Aquino, entre 1883 e 1884, que Euclides entrou em contato com dois professores que o influenciaram de modo decisivo, o historiador Theophilo das Neves Leão e o matemático Benjamim Constant Botelho de Magalhães (Amory, 2009, p.36). O primeiro imprimiu no jovem carioca a importância histórica dos heróis da Revolução Francesa, e o segundo foi responsável por instruir Euclides em matemática, auxiliando-o em exames de ingresso na Escola politécnica, e iniciá-lo na filosofia de Auguste Comte, mesmo "[...] sem nunca tê-lo convertido num positivista confesso." (Amory, 2009, pp.36-37).

Data da mesma época o desenvolvimento de quatro composições poéticas criadas por Euclides, algumas delas depoimentos autobiográficos com requintes artísticos, em alusão à Revolução Francesa, oferecendo, mesmo que ainda em tons

prematuros, com alusões, elogios e metáforas abrangentes, uma visão própria sobre os principais líderes do referido movimento republicano, Danton, Marat, Robespierre e Saint-Just (Cunha, 1995, pp.2-4). Atribui-se a essa passagem institucional, portanto, um importante fato simbólico na vida de Euclides, pois além de entrar em contato com as doutrinas positivistas e os ideais republicanos, algumas de suas "paixões da adolescência", o jovem foi influenciado pela postura e retidão moral do professor de matemática do Colégio, por quem nutria, desde essa época, grande admiração (Souza & Galvão, 2007, p.174).

Benjamin Constant era oficial do Exército formado na Escola Militar do Rio de Janeiro em 1852, desde jovem fortemente atraído pelo estudo da matemática, da ciência e do positivismo; chegou a participar da Guerra do Paraguai (1865-1870), atuando como fiscal-administrador de suprimentos armazenados nos depósitos de guerra, e como engenheiro militar preocupou-se com a construção de fortificações em linhas avançadas de guerra (Lemos, 1997). Após ter contraído malária durante o conflito, voltou completamente afetado pela experiência trágica de ter convivido com os horrores de uma guerra cruel pretendida e planejada por brancos e vivenciada por pessoas sem apoio institucional ou preparo técnico, muitas delas recrutadas de última hora para compor o contingente de guerra. Presenciou alguns atos desumanos do Exército brasileiro, dirigidos aos inimigos e aos seus próprios soldados, retornou repleto de ceticismo e ainda mais convicto da existência de desacordos com a forma de condução da guerra, deflagrou-se crítico das elites políticas, do quadro administrativo do governo Imperial e dos chefes militares (Lemos, 1997, p.71).

Embora mais ligado ao positivismo que ao republicanismo, visto que organizava suas aulas a partir dos critérios positivistas de classificação da ciência, fascinou gerações de uma juventude historicamente importante por seus "dotes intelectuais e morais" (Lemos, 1997, p.73). Sua seriedade e erudição no estudo de conhecimentos matemáticos e filosóficos, não minimizaram a relevância de sua postura atuante na sociedade brasileira. Apresentava-se como um candidato capaz de produzir intervenções políticas e sociais no sentido de reformar o sistema vigente:

> [...] à frente do Imperial Instituto dos Meninos Cegos, onde tentou criar condições para a integração dos deficientes visuais à vida produtiva; ao elaborar planos de loterias para a arrecadação de fundos para a emancipação de escravos e ao criar uma associação de previdência para os impedidos de trabalhar por invalidez. (Lemos, 1997, p.73).

Como um bom positivista, encontrava-se extremamente preocupado com a inserção de segmentos sociais ao mercado de trabalho, à sociedade moderna. Decepcionou-se seguidas vezes com o governo imperial e, especialmente durante as duas últimas décadas do século XIX, começou a participar de forma mais ativa da política nacional, envolvendo-se com pautas abolicionistas e republicanas. Essa personagem militar, que de certa forma representava esse processo social, vivenciado por militares, de conscientização da pouca relevância do Exército na estrutura de poder do Estado, despertou a admiração de Euclides, e dali em diante é possível imaginar que serviria de importante referência moral, política e filosófica, um verdadeiro "ídolo" (Cunha, 1997, p.30) responsável por despertar seu interesse pela doutrina positivista.

Durante o ano de 1883, ainda na fase da adolescência, por volta dos 17 anos de idade, em poesia denominada "Ondas", Euclides já demonstrava a habilidade de escrever sobre diversos assuntos em diferentes gêneros literários, e manifestava incertezas quanto à sua trajetória e seu futuro, oferecendo um depoimento que atestava na morte a condição "ilusória" da vida (Cunha, 1995, p.1). O tom dramático ratificava a íntima relação que possuía com os versos gestados pelo Romantismo brasileiro: autores como Fagundes Varela e Castro Alves figuravam no repertório de leituras do jovem polígrafo, que naquele tempo atravessava uma treva "enorme e densa" e vivia na constância de sentir um "desânimo atroz" (Cunha, 1995, p.1).

Gonçalves Dias, integrante da primeira geração romântica também deixaria incontestáveis influencias durante esse período trajetória de Euclides. Em sua homenagem o jovem elogiaria e exaltaria, na forma de versos poéticos, o poeta consagrado "Filho dos trópicos", de "viver brilhante" e o "crânio imenso" (Cunha,1995, p.5). A vida deste representava, portanto, uma importante referência intelectual nascida no Brasil, pois em alguns versos de outros poemas, como em "Eu quero", por exemplo, torna-se ainda mais evidente esse contato e influência com as manifestações literárias do Romantismo, vê-se a nítida aproximação indianista entre os elementos da natureza e a figura de Deus.

> Eu quero à doce luz dos vespertinos pálidos
> Lançar-me, apaixonado, entre as sombras das matas
> – Berços feitos de flor e de carvalhos cálidos
> Onde a Poesia dorme, aos cantos das cascatas...
>
> Eu quero aí viver - o meu viver funéreo,
> Eu quero aí chorar - os tristes prantos meus...

> E envolto o coração nas sombras do mistério,
> Sentir minh'alma erguer-se entre a floresta de Deus!
> [...] (Cunha, 1995, p.2).

Euclides, em homenagens poéticas, fornecia um importante conjunto de informações sobre suas influências intelectuais, políticas e artísticas, sobre os parâmetros culturais do seu ensino e aprendizado, principalmente através de instituições escolares. Cresceu em contato com as histórias da vitoriosa revolução republicana na França, e as produções literárias do Romantismo brasileiro. Talvez, naquela época, Euclides sonhasse em seguir os passos dos estimados personagens da história nacional e internacional, marcando, com seus atos, a vida de seus contemporâneos e das gerações do "Porvir", em escalar o "penhasco ásp'ro da Glória..." (Euclides, 1995, p.1). De certo que não imaginava se tornar um escritor reverenciado, mas o fato é que desde cedo manifestava a disposição em escrever sobre diversos assuntos, seja sobre o fim do Império Romano, o Czarismo na Rússia, o advento do Cristianismo, ou até mesmo a guerra entre Brasil e Holanda em Pernambuco e a Inconfidência Mineira. No seu último ano no Colégio Aquino, acumulava um volume impressionante de poemas, que posteriormente viriam a ser publicados na *Revista da Família Acadêmica*, da Escola Militar (Amory, 2009, p.51).

Mesmo sendo um jovem aplicado na arte de escrever poesias, Euclides demonstrava ser um excelente aluno. O resultado de seus testes de proficiência mostrava um rendimento escolar quase impecável; apesar de ter fracassado no exame de Latim, em 1883, em todos os anos anteriores tivera sucesso em diferentes disciplinas, Português, Geografia, Frances, Retórica, História, Inglês, Aritmética, Geometria, e principalmente em duas áreas do conhecimento aparentemente distintas, Matemática e História (Amory, 2009, p.38). Se desde essa época é possível dizer que seu pai nutria o desejo de vê-lo engenheiro, a diversidade de interesses pelo conhecimento orbitava no seu universo de interesses e preocupações.

Em 1884 até 1885, Euclides atendeu à vontade de seu pai e obteve a classificação para a Escola Politécnica e, durante um ano, estudou engenharia, até que com certa insatisfação, em 1886, transferiu-se para a Escola Militar da Praia Vermelha (Amory, 2009, p.39). Esta instituição foi o único estabelecimento de ensino superior gratuito durante todo o Império (Castro, 2000), bem possível que a transferência do jovem tenha acontecido por questões econômicas, em vista que, diferentemente da

Escola Politécnica do Rio de Janeiro, que era mais prestigiada pelas elites nacionais, na Escola Militar não existiam cobranças de taxas e mensalidades, oferecia-se soldo alojamento, comida e até mesmo o uniforme usado diariamente pelos estudantes (Ventura, 1996, p. 276). Logo se infere que tal instituição, mesmo que contrariasse os interesses de Euclides, se encaixava perfeitamente na situação social do jovem, as suas despesas seriam custeadas pela Escola, e o problema da habitação seria resolvido.

2. A EXPERIÊNCIA NA ESCOLA MILITAR DA PRAIA VERMELHA E O ACIRRAMENTO DAS QUESTÕES REPUBLICANAS

Neste capítulo, trata-se de acumular um conjunto de informações sobre a personagem histórica para melhor entender algumas de suas motivações expressas no Diário de uma Expedição: propõe-se detalhar aspectos sobre a formação militar de Euclides nos anos de sua formação superior – entendendo a importância da instituição da Praia Vermelha no cenário brasileiro; apresentar a vida social e a urbanidade carioca, e identificar alguns dos referenciais culturais centrais na socialização de Euclides; (**objetivo específico 2**).

"A Escola Militar, representou, no Império, uma rara possibilidade de ascensão social para pessoas que não pertenciam à elite tradicional e cujas famílias não podiam custear cursos superiores nas faculdades de direito ou medicina." (Castro, 1995, p. 48).

No final do império, a Escola Militar era um centro de oposição política e, em parte, intelectual, ao regime monárquico. Seus alunos, que provinham majoritariamente de famílias militares e famílias remediadas, entravam em contato com uma educação técnica e positivista e, com isso, obtinham uma formação ideológica distinta, principalmente daqueles que formavam maioria na elite política: os de formação jurídica (Carvalho, 2006, p. 75). Estimavam as emergentes filosofias e teorias científicas em curso que não era requisito necessário para o ingresso e ascensão hierárquica no oficialato, alguns deles, inclusive, se interessavam mais pela possibilidade de pertencerem à elite intelectual nacional do que propriamente seguirem a carreira militar (Castro, 2000).

A "mocidade militar", que gratuitamente se formava na Escola Militar da Praia Vermelha, se considerava vítima de uma dupla marginalização, em vista o privilégio que os bacharéis em direito possuíam do governo monarquista brasileiro e a falta de oportunidades de carreira dentro de um Exército pouco modernizado (Castro, 2000).

Esses militares, aplicados às engenharias e as técnicas científicas práticas, consideravam possuir uma aplicação diferente daquelas literárias que compunham as habilidades dos políticos do Império, pois tinham no ensino científico e na meritocracia seus principais pilares morais[6].

> Enquanto o *status* social dos militares era baixo, os jovens bacharéis em direito tinham caminho aberto para cargos e funções públicas em todos os quadros administrativos e políticos do país. Os jovens científicos do Exército, a "mocidade militar" formada na Praia Vermelha, lutavam para situar-se melhor dentro de um campo social dominado pelos bacharéis em direito. A Escola da Praia Vermelha, antes que militar, era *rival* das academias civis (Castro, 1995, p.41).

Sendo assim, a coesão social do grupo que informalmente se referia a Escola como "Tabernáculo da Ciência", estava calcada em dois principais elementos simbólicos de diferenciação: a mentalidade cientificista e a importância que atribuíam ao mérito pessoal como princípio de ordenação da sociedade como um todo (Castro, 2000). Este último teve importância decisiva como um discurso de afirmação ideológica que se contrapunha ao contexto brasileiro que possuía nas relações de parentesco a principal forma de acesso aos espaços de poder (Castro, 2000).

Esse sentimento de oposição de parte dos estudantes militares torna-se mais compreensível quando avaliamos a força das oligarquias rurais sobre os ainda incipientes centros urbanos do país, como era o caso da província do Rio de Janeiro. Por se configurar como a sede do poder político, principalmente pela presença de instituições políticas, a cidade era objeto de disputas entre as famílias de grandes proprietários de terras (Queiroz, 1976, p.184). Sendo assim, é possível pensar que a configuração socioespacial das cidades correspondia aos estratos de parentela, o centro, lugar que costumava ser mais próximo dos edifícios públicos, era ocupado pelo grupo dominante, de maior fortuna, enquanto a periferia era habitada por segmentos sociais que pertenciam aos estratos mais pobres, menos prestigiados (Queiroz, 1976, p.201).

Ainda pela força e predomínio da cultura cafeeira no final do século XIX, mas de um modo mais geral nas "ricas regiões de monoculturas de exportação" (Queiroz, 1976, p.191), constata-se a forte presença da classe senhorial na determinação e no

---

[6] Segundo Del Priore & Venancio, (2010), os jovens pertencentes às classes mais altas dificilmente ingressavam na Escola Militar, pois fugiam da obrigação de ocupar postos inferiores, das baixas remunerações, das punições rígidas e da companhia de negros e pardos nos batalhões.

controle dos poderes públicos, legislaturas, cargos administrativos e judiciários, principalmente através dos instrumentos do mandonismo local, do clientelismo e do coronelismo (Milan, 1993, p.70). Dentro destas "sedes efetivas do poder político" (Queiroz, 1976, p.191), podia-se observar uma hierarquia rígida do poder político brasileiro que possuía na figura patriarcal dos chefes locais e regionais seu ponto de referência geográfico, econômico e político (Queiroz, 1976).

> Nesse quadro, *o preenchimento das funções públicas excluía quaisquer critérios de competência*, pois consolidavam-se os laços de fidelidade, de parentesco e de clientelismo, essenciais à manutenção do poder político. Os senadores eram vitalícios e nomeados pelo Imperador; o Conselho de Estado era o responsável pela concentração do poder nas mãos da oligarquia proprietária, ao passo que os partidos – Liberal e Conservador – eram constituídos pelos membros da mesma elite social. (Milan, 1993, p.73, grifo meu).

É possível, portanto, entender que, dentro do quadro formativo dos estudantes da Escola Militar, esse método de transferência de poder a partir de critérios parentais, laços de prestígio e de relações de barganha, feria e contrariava os valores e normas militares calcados na meritocracia que desde cedo se impunham aos jovens que manifestavam a intenção de cursarem a instituição superior militar. Ao serem aprovados na inspeção de saúde, os candidatos deveriam possuir necessariamente entre dezesseis e vinte e cinco anos de idade, tendo previamente alcançado a condição de Praça no Exército, deter as habilidades de ler, escrever em português, e realizar as quatro operações de matemáticas (Castro, 1995, p. 48).

Euclides ingressa na Escola Militar da Praia Vermelha na intenção de formar-se engenheiro militar. Matriculado no mesmo dia em que se assentou praça e jurou bandeira, 26 de fevereiro de 1886, recebeu o número 308 na segunda Companhia da Escola (Silva, 2004, p.116). O ciclo do seu curso se completava após cinco anos. Diferentemente de Infantaria e Cavalaria (um ano), de Artilharia (três anos), de Estado Maior (quatro anos), a engenharia militar representava ao estudante a possibilidade de frequentar a instituição pelo período mais longo possível (Castro, 1995, p. 50). Desse modo, podemos pensar que se o jovem encontrava-se insatisfeito com a transferência para a Escola Militar é bem possível que já calculava passar metade de uma década vivenciando os parâmetros comportamentais requeridos aos cadetes, sendo obrigado a usar uniformes militares, sendo chamado por um número e nome-de-guerra e de viver em regime de internato, com horários de saída controlados (Castro, 1995, p.34).

Ao menos o cadete 308 contava com a presença certa do professor Benjamin Constant, em vista que naquela época o positivista havia sido nomeado pelo Imperador Dom Pedro II para ocupar a cadeira de Matemática da Escola. Torna-se possível pensar o professor ligado à juventude militar e ao republicanismo, pois naquele centro cultural da Praia Vermelha muito sobre a cultura cientificista, da qual comungava o positivismo, enfatizava a estreita relação entre a República, o evolucionismo, a meritocracia e a racionalidade. É necessário entender que esse processo de efervescência do republicanismo nos segmentos letrados, nos quais se inseria Euclides, era acompanhado da consolidação do centro urbano carioca como cidade cosmopolita. Verificava-se, na intelectualidade da época, o impacto das experiências recentes de movimentos republicanos em diferentes nações do mundo como referencial de uma suposta evolução civilizacional.

Desta forma, é imprescindível enfatizar dois modelos históricos que foram se moldando como justificativas para a suposta necessidade de se estabelecer uma República no Brasil, o da França e o dos Estados Unidos. Pode-se dizer que, quando Euclides ingressa na Escola Militar da Praia Vermelha, as convicções do sucesso da experiência francesa encontram-se mais consolidados no imaginário do jovem estudante, pois, como sabemos, constata-se na sua formação educacional a presença de ensinamentos sobre a Revolução Francesa (1789-1799), e, além disso, esta já começava a ser enquadrada, principalmente para os intelectuais positivistas brasileiros (Carvalho, 1990, p.27), no parâmetro secular de qualquer avaliação da história das sociedades humanas, seu aniversário possivelmente era aguardado como um marco na história da civilização.

Por isso, é possível verificar mesmo na composição das principais correntes ideológicas que compunham a elite letrada a sua influência, pois se tratava de um evento marcante na história mais recente da forma de governo republicano. Mais ainda assim, destaca-se com maior grau de correlação especialmente na participação na esfera pública das intelectualidades ligadas ao jacobinismo francês e ao positivismo, pois estes segmentos saudavam-na como um marco na história da humanidade (Carvalho, 1990, p.9). Os positivistas, por exemplo, possuíam o costume de cantarem a Marselhesa, e acreditavam na conservação do progresso, legado da Revolução Francesa, conduzida por uma ordem necessária capaz de garantir a transição para a sociedade positiva (Carvalho, 1990, p.21).

“Ideias e instituições norte-americanas e europeias já tinham sido adaptadas por políticos imperiais. Antes mesmo da independência do país, rebeliões coloniais tinham se inspirado seja na Revolução Americana, seja na Francesa.” (Carvalho, 1990, p.22). Os militares, naquele momento, já se sentiam atraídos pela visão de sociedade atrelada ao pensamento positivista[7]. A formação técnica fortalecia um sentimento de oposição à Monarquia, à formação literária da elite civil, e favorecia a concepção de uma ideologia que atrelava positivismo, ciência e desenvolvimento industrial (Carvalho, 1990, p.28). Neste sentido, a Terceira República Francesa, para essa geração, pareceu ter sido a mensagem de uma sociedade considerada como o “centro cultural da humanidade”, a referência do “mundo civilizado”, capaz de provar a força de uma arma ideológica que reunia a “sciência” (Schwarcz, 1993, p.23) e o republicanismo, potencialmente útil no combate aos monarquistas brasileiros (Castro, 2000).

Essa formação era mediada por um currículo que ofertava aos estudantes o ensino de um conjunto de diversos saberes. No primeiro ano, por exemplo, os estudantes possuíam as matérias de álgebra superior, geometria analítica e física experimental, e o curso ainda previa elementos da telegrafia elétrica militar, aulas de desenho topográfico, bem como topografia. Ao segundo ano as disciplinas de prática militar se sobressaltam: tática e estratégia de guerra, ataque e defesa dos entrincheiramentos e das praças de guerra, além de noções elementares de balística. Entretanto, é importante ressaltar a presença das discussões conceituais nesta segunda etapa do curso, pois constava aos estudantes o estudo e a análise da Constituição do Império, de noções do direito internacional e direito público, além do direito militar (Castro, 1995, p.49).

A convivência diária de Euclides com a juventude militar era marcada pela hierarquia entre os pares. Os alunos veteranos exerciam certo controle social informal na vida cotidiana, sendo os principais responsáveis pela integração e socialização dos alunos calouros no ambiente e nas discussões culturais e científicas da Escola. Os recém-chegados viviam uma espécie de marginalização, sofriam trotes, eram chamados de “bichos” (Castro, 1995, p.34). Qualquer ato considerado reprovável pelos companheiros militares mais adiantados resultava em coação, censura e desprezo, os

---

[7] Segundo Carvalho (1990), esse fato representava uma contradição em termos, pois a doutrina positivista entendia o governo militar como ‘retrogradação social’.

calouros ridicularizados em alguns casos eram compelidos a pedir o desligamento (Castro, 1995, p. 36). Essa trama geracional, certamente vivenciada por Euclides da Cunha, favorecia, através de relações sociais violentas, uma interação conturbada com outros cadetes, sendo possivelmente um dos motivos que provocaram no jovem polígrafo um sentimento de insatisfação que relatava sentir naquele espaço institucional (Amory, 2009, p.42). Por conta dessa hierarquia entre os alunos, em sua experiência na Escola Militar foi submetido a cumprir deveres diretamente de algum veterano, talvez tenha engraxado botas sujas, quem sabe fora obrigado a ficar em posição de sentido ao ter uma palavra dirigida, ou pagar a passagem e ceder o lugar nos bondes da província[8].

Por outro lado, a convivência cotidiana também contribuía para a aproximação de estudantes, pois Euclides entrava em contato com jovens de classe intermediária que, assim como ele, buscavam nessa oportunidade aprimorar suas possibilidades de futuro, seja pelo prestígio dos estudos superiores, pelo desenvolvimento intelectual, ou até mesmo pela inserção nos quadros restritos da intelectualidade brasileira.

Nesse contexto, é importante ressaltar que a escola se inseria próxima ao cenário urbano carioca. A forte presença da escravidão, a migração forçada dentro do próprio território, principalmente para a província do Rio de Janeiro, bem como a presença central da população amefricana na dinâmica social do país, justificava-se não só na incorporação de mão-de-obra das fazendas da região fluminense, mas também na realização de diversos trabalhos e ofícios, eram marceneiros, artesãos alfaiates, pedreiros, metalúrgicos, ourives, carpinteiros e até auxiliavam na incipiente indústria nacional (Moura, 1988, pp.66-67).

A “hegemonia senhorial”[9] no litoral urbanizado carioca contribuía para a manutenção das riquezas e fortunas a partir da dominação e escravização de pessoas negras, um sistema lucrativo para os senhores e que agradava especialmente as oligarquias localizadas no Rio de Janeiro, bem como a muitos políticos poderosos do governo monarquista brasileiro. Ao mesmo tempo, a preservação desse sistema secular

---

[8] Castro (1995) enumera um conjunto de tarefas que tradicionalmente eram designadas aos ‘bichos.

[9] Segundo Nascimento (2014, p.191), a própria liberdade da pessoa escravizada era posse do seu respectivo senhor.

colidia com o crescimento demográfico daquela que era a maior capital do país[10], com o incremento da população intermediária urbana, pois os pequenos proprietários, os profissionais liberais, os jornalistas, os professores e estudantes protestavam contra a lentidão desse sistema imperial baseado na longevidade de segmentos da elite política, e contra a falta de oportunidades de trabalho, em vista a manutenção do regime escravista (Carvalho, 1990, p.26).

Nesse processo, a propaganda abolicionista que possuía adesão majoritária de negros, alguns deles egressos da senzala, se aliava aos reclames da necessidade de incorporação social de mão-de-obra livre que surgia e chegava ao centro urbano da província. Talvez seja possível imaginar esse cenário dentro do centro de oportunidades de uma nova classe social em ascensão, certamente os centros de ensino como a Escola Politécnica e a Escola Militar da Praia Vermelha justificavam o fluxo migratório de jovens brasileiros para o litoral do Rio de Janeiro. Muito por isso, Euclides teve que se deparar com colegas de regiões diferentes, personalidades formadas a partir de diferentes referenciais de sociedade e cultura, alguns deles se maravilhavam pela primeira vez com as inovações que surgiam na província do Rio de Janeiro, os bondes, os teatros e as atrações culturais (Castro, 1995, pp. 34-35).

Os jovens militares passaram a entrar em contato com inovações inéditas e pouco acessíveis para a maioria da população nacional, por isso, pouco espanta o deslumbramento de muitos deles com uma realidade que já contava a presença de telefones, do automóvel e também do primeiro animatógrafo (cinema) registrado no país (Considera, 2009). Além de transitarem em ruas de calçamento adequado para a circulação de pessoas e mercadorias, marcadas pela presença de paralelepípedos, lampiões com bicos de gás e vitrines de diversas lojas, muitos deles passaram a entrar em contato direto com a intelectualidade brasileira composta por políticos, literatos, empresários, jornalistas e boêmios que se reuniam em livrarias, confeitarias, alfaiatarias, barbearias, bares e cafés (Considera, 2009, p.81). Muitos deles responsáveis pela organização de passeatas e comícios políticos ligados à propagação de discursos liberais, abolicionistas e republicanos.

---

[10] Segundo Santos (1993, p.21), em 1872 o Rio de Janeiro contava com cerca de 274.972 habitantes, enquanto que, em 1890, possuía cerca de 522.551 moradores.

Desta forma, presumível que a proximidade territorial da Escola Militar facilitava o acesso a este centro urbano localizado no Rio de Janeiro, de tal forma a contribuir para o embasamento de ideias e concepções ideológicas fundamentais para a consolidação de uma juventude que fazia oposição ao regime monarquista brasileiro. Nesse mesmo sentido, podemos inferir que a Rua do Ouvidor forneceu, principalmente através da divulgação de jornais, diretrizes e propagandas políticas que embasaram o pensamento político de muitos estudantes militares, tais como: o Jornal do Commercio, fundado, em 1827, pelo tipógrafo francês Pierre Plancher; A Nação, do deputado Barão do Rio Branco; o Diário de Notícias, de Rui Barbosa; O País, de Quintino Bocaiúva; e a Gazeta de Notícias, dos renomados escritores Olavo Bilac e João do Rio.

Em termos de obrigações curriculares, o jovem estudante realizava exames e provas a fim de confirmar o domínio do conhecimento requerido pela instituição. Portanto, é palpável imaginá-lo passando horas do seu dia estudando conteúdos técnicos e científicos. Em outra instância, estudava com colegas da escola sobre outros temas da ciência, estes mais relacionados às humanidades, pois é sabido que os estudantes da Escola Militar articulavam e mantinham sociedades científicas, literárias e filosóficas, discutiam teses e promoviam sessões comemorativas de acontecimentos históricos nacionais ou internacionais (p.ex, o Centenário da Revolução Francesa) e em suas revistas apresentavam artigos e trabalhos redigidos por seus colegas (Castro, 1995, p. 59-60).

Nesses espaços de socialização informal é que os alunos discutiam assuntos que, mesmo não fazendo parte do currículo, tampouco ensinados pelos professores, diversificavam o ambiente intelectual da Escola com teorias cientificistas modernas para a época e para o contexto nacional, como é o caso das de Spencer, Comte e Haeckel (Castro, 2000).

> Em termos intelectuais, o corpo de cadetes da Escola Militar dividia-se em inúmeras sociedades acadêmicas, das quais as duas principais eram a Sociedade Fênix Literária, criada para os veteranos estudantes dos dois últimos anos, e o científico e filosófico Club Acadêmico, para todo o corpo discente. Mesmo que em ambos os grupos se recitasse poesia, se contassem histórias, se representassem peças ou se debatessem teses quase filosóficas, um dedicava-se mais à literatura e o outro, às ciências. (Amory, 2009, pp.39-40)

As atividades extracurriculares dos “filósofos-cadetes” pouco tratavam de temas militares, estes preferiam recitar poesias, contar histórias, representar peças e debater

temas filosóficos. Os prazeres que Euclides tinha na Escola estavam mais relacionados a essas atividades intelectuais (Amory, 2009, p.40). No entanto, é preciso destacar que através de seus estudos sobre os temas curriculares, no segundo ano de curso, conseguiu alcançar promoção de tenente-cadete e chefe de pelotão, mesmo enfrentando "dificuldades psicológicas" na Praia Vermelha, devido ao constante irritamento que sentia consigo e com outros colegas cadetes (Amory, 2009, p.42).

Desta feita, é possível imaginar dentro da Escola a existência de certo ambiente cientificista que misturava principalmente as doutrinas positivistas, evolucionistas, monistas, e minimizava as diferenças teóricas em nome do que todas elas afirmavam em comum: a crença na ciência como ferramenta capaz de oferecer uma visão correta da vida social, da política, um caminho para o desejado progresso (Castro, 2000). Euclides se destacava pelo interesse por temas políticos e filosóficos, além de ser um ávido defensor do progresso e do desenvolvimento, acreditava e afirmava que a passagem da Monarquia para a República seria inevitável. "Sua formação positivista e evolucionista o levava à crença fatalista em uma série linear de etapas do desenvolvimento humano. A República seria introduzida ou pela via pacífica, de forma evolutiva, ou com o uso da força, pela via revolucionária." (Ventura, 1996, p.277).

Não esqueçamos que a Escola estava posicionada no litoral do Brasil, na província do Rio de Janeiro, de modo que é possível presumir que existia certa efervescência, por parte da população letrada, quanto aos produtos culturais vindos da Europa. A tão referendada mentalidade e cultura colonizadas (Nascimento, 1978, p.67) ainda se encontrava vigente na intelectualidade letrada brasileira, e a instituição não fugia à regra, os estudantes que aspiravam pelo menos nela pertencer teriam que conviver com as modas que chegavam do estrangeiro. Aos seus alunos coube a alcunha de serem muito afeitos às "sciências", dentre elas: o evolucionismo, o darwinismo, o positivismo, o materialismo e o monismo (Castro, 2000).

> A novidade do século XIX foi a incorporação da história à natureza, principalmente através da noção de evolução e da ideia de que o determinismo presente no mundo natural seria o mesmo que rege o desenvolvimento da humanidade. Dessa forma, os valores morais, políticos e filosóficos passavam a ser vistos como manifestações do estágio em que se encontrava a humanidade. Isso alimentava um sentimento de superioridade intelectual por parte dos cientificistas, que se consideravam produtos, obviamente, do estágio mais 'adiantado' da humanidade (Castro, 1995, p. 54).

A mentalidade cientificista, predominante principalmente nas últimas décadas do século XIX, foi importantíssima para a formação intelectual desses jovens militares, pois incrementava a noção de evolução que ratificava a incorporação da história à natureza e estabelecia diferentes estágios de desenvolvimento das sociedades humanas, medidos pelos seus valores morais, políticos e filosóficos (Castro, 2000). Estes a valorizavam a tal ponto que a ausência dela era destacada – inclusive pelo próprio Euclides da Cunha – como o principal defeito formativo dos estudantes das faculdades jurídicas brasileiras (Castro, 2000).

As promoções lentas, os salários baixos, a ausência de ajustes nos soldos e a suspensão da recompensa financeira aos alferes-alunos, bem como o próprio descaso imperial durante o conflito da Guerra do Paraguai, manifestado nos cortes orçamentários distribuídos ao Exército brasileiro, foram um conjunto de motivações que contribuíram para a formação de uma ideologia distinta daquela manifestada pela elite civil aristocrata, centrada no questionamento da dominação destes bacharéis de direito na ordem monárquica (Castro, 1995, p. 20).

No dia 4 de novembro de 1888, Lopes Trovão, um republicano que trabalhou como revisor e tradutor de uma filial carioca da editora Garnier, desembarcaria no porto do Rio de Janeiro (Amory, 2009, p.42). O imediato alvoroço da multidão nas docas e dos cadetes, que mesmo na Praia Vermelha, saudavam e gritavam, balançando seus lenços ao navio Ville de Santos, que chegava da Europa, incomodou o comandante da Escola Militar (Amory, 2009, pp.42-43). Certamente Euclides se sentiu animado com a possibilidade de encontrar Trovão, de saudar sua contribuição ao conduzir a chegada de obras científicas e filosóficas vindas diretamente da Europa, principalmente da vitoriosa e republicana França.

> Para restaurar a disciplina e impedir que os cadetes se juntassem à recepção a Trovão nas docas, o comandante da Escola Militar confinou-os nos quartéis e, em combinação com o ministro da Guerra, Tomás Coelho, fez as duas companhias de alunos desfilarem diante do ministro e do senador Silveira Martins, que tinha um filho na Escola. A manobra do desfile era um teste evidente da lealdade dos cadetes ao governo imperial. (Amory, 2009, p.43).

Aquela mensagem autoritária abalou todas as expectativas dos jovens militares, e para os mais espertos aquela medida não se executava sem a intenção clara de impedir o contato com qualquer propaganda republicana que pudesse saltar naquelas docas. Alguns estudantes, familiarizados com as doutrinas republicanas, dentre eles o próprio

Euclides, combinaram de aproveitar a ocasião da visita para protestar contra a instituição monárquica e a ausência de reajuste dos soldos (Souza & Galvão, 2007, p.173). Uma boa presença de insatisfação deve ter conferido segurança ao chefe do pelotão. Seus colegas possivelmente compartilhavam de sentimentos semelhantes aos de Euclides. Alguns deles, de condições econômicas menos estáveis, dependiam da renda do soldo para contribuir com suas famílias (Castro, 1995, p.46), enquanto, outros se achavam no direito de conspirar e afrontar, em uma mobilização política, uma instituição com normas e regras rígidas que previam punições severas para tais comportamentos.

Em um sentido concreto o Brasil havia sido palco de sucessivas manifestações e insurreições negras abolicionistas, seja nas ruas e nos jornais[11], seja em diversos quilombos, que se configuravam como "verdadeiras cidadelas", nas mais diferentes províncias do país, principalmente no Rio de Janeiro, com os quilombos Camorim, Raimundo, Miguel Dias, Padre Ricardo, que compunham parte do cenário de mobilizações políticas responsáveis pela primeira grande ruptura histórica do Império, a Abolição, demonstravam na prática a força do engajamento político (Nascimento, 1978, p. 59).

> Outro quilombo, o do Leblon, no Rio de Janeiro, embora bem menor que o de Jabaquara, também fez história. O quilombo nasceu na chácara de seu idealizador, o português José de Seixas Magalhães, um comerciante esperto, com dinheiro no bolso e ideias avançadas. Seu negócio era o fabrico e o comércio de artigos de couro, inclusive para exportação, com uso de maquinário a vapor. A casa comercial Seixas e Cia. funcionava num amplo armazém, na rua Gonçalves Dias, no coração da elegante cidade, e era ponto para o encontro e prosa de abolicionistas proeminentes: o poeta Olavo Bilac, o jornalista José do Patrocínio, o jurista Rui Barbosa, o escritor Coelho Neto, e alguns intelectuais de renome, como André Rebouças, Paula Nei e Joaquim Nabuco – quase todos favoráveis a um projeto de abolição imediata e sem indenização. (Schwarcz & Starling, 2018, pp. 308-309)

Em um sentido ideal, desde os 14 anos, Euclides manifestava um ideal em poesia. Em tons de "Rebate", clamava-se um inevitável destino histórico, a República viria como consequência do findar do século, e mais do que isso emergiria sustentada pela "ciência c'o archote", fogo "intérmino" e "fatal", capaz de "incendiar" os

---

[11] "[...] o abolicionismo tomava novamente as ruas e os jornais: *Jornal do Commercio, A Onda, A Abolição, Oitenta e Nove, A Redenção, A Vida Semanária, Vila da Redenção, A Liberdade, O Alliot, A Gazeta da Tarde, A Terra da Redenção, O Amigo do Escravo, A Luta, O Federalista*, bem como dezenas de panfletos e pasquins." (Schwarcz & Starling, 2018, p.307).

resquícios da antiga sociedade, e iluminar “mentes”, “cérebros, corações” e um “novo alvorecer” (Cunha, 1995, p.2). De todo modo, hierarquia falava mais alto e as companhias logo se posicionaram em linha de formação, Euclides, como militar e chefe de pelotão tinha ordens a cumprir, e era impedido de realizar seus desejos. Chegada a hora de apresentar as armas o jovem polígrafo aproximou-se de Tomás Coelho tentou quebrar sua espada, mas mesmo não obtendo sucesso nessa tentativa desferiu palavras de protesto em voz alta (Amory, 2009, p. 43).

Esse acontecimento revela algumas características da vida e da personalidade de Euclides, primeiro é importante destacar sua valentia ao enfrentar a hierarquia militar, pois mesmo tendo acordado com outros estudantes, o jovem polígrafo foi o único a manifestar sua indignação. A realização deste ato de bravura advém não apenas da indignação, indica também a segurança, a estabilidade e o amparo de possuir uma estrutura familiar, mais precisamente parental, relativamente próxima que o amparasse em caso de suspensão do alojamento e do soldo da Escola.

Segundo, fica aparente que Euclides vivia um momento extremamente conturbado, no íntimo de seus sentimentos, em poesia denominada “Estâncias” publicada na *Revista da Família Acadêmica,* em outubro de 1888, exprimia-se angústias e sofrimentos de um “coração tão cedo aniquilado”, “cheio de ilusões, de crença e de esperança”, de uma alma repleta de “sombras”, de uma vida de “dolorosos dramas” (Cunha, 1995, p.15). Possivelmente referia-se ao maior de seus fantasmas, a perda prematura da mãe, e a constante e inevitável assombração da morte (Amory, 2009, p.42).

O fato é que, tendo apenas vinte e dois anos, julgou necessária uma manifestação política questionando a ausência da política de promoção do Exército de alferes-aluno e pronunciou dizeres republicanos (Ventura, 1996, pp. 275-276). O posto de alferes-aluno simbolizava a confirmação da ideia de mérito como fundamento da ascensão militar, aos alunos que possuíam boas notas nos dois primeiros anos de curso existia uma recompensa de um aumento nos vencimentos e a entrega de um fardamento especial (Ventura, 1996, p. 276). A recompensa financeira recebida poderia tanto contribuir com a renda das famílias dos estudantes quanto auxiliá-los a adquirir certa independência do núcleo familiar que muitas vezes se encontrava distante e possuía dificuldades mesmo no envio de remessas modestas de dinheiro (Castro, 1995, p. 46).

No entanto, esta distinção, que compunha parte do sistema de promoções do Exército se encontrava suspensa no orçamento do Ministério da Guerra desde 1885. A Escola Militar, consequentemente, sentiu as repercussões de um Império que permanecia não reconhecendo os militares como prioridade nacional; suas as despesas com aquela instituição brasileira diminuíram de 15% para 10% tendo sido, inclusive, o seu número total de praças afetado (Castro, 1995, p. 23). Desse modo, a atitude de Euclides expressava indignações compartilhadas por muitos oficiais e colegas, mas nenhum deles se solidarizou com o ímpeto revolucionário do polígrafo, que, inclusive, chegou a resultar em repercussões negativas por parte do então deputado Joaquim Nabuco, este último censurou a inquietação republicana no Exército (Amory, 2009, 43).

A instituição militar respondeu ao comportamento de insubordinação questionando o estado mental de Euclides, alegando uma excitação nervosa por conta do excesso de trabalho mental. contavam com a realização de exames médicos e a resolução da repercussão negativa, de tal forma que o jovem polígrafo foi mandado primeiro para a enfermaria da Escola e depois para o hospital do Exército no Morro do Castelo. Mal sabiam que o Cadete 308 se recusaria a cumprir as determinações institucionais, permanecendo de pé e em silêncio por horas no pátio do hospital, em prova de posse das suas "faculdades mentais" e das suas convicções republicanas (Amory, 2009, p. 45).

"Por essa insubordinação foi mandado à prisão na Fortaleza de São João, de onde, por intercessão da família junto ao Imperador, foi libertado pouco tempo depois e, em meados de dezembro de 1888, foi dispensado do serviço militar por um ano." (Amory, 2009, p.45). Pouco depois, Euclides se tornaria conhecido pela insubordinação na Escola Militar e integraria o círculo republicano de jornalistas ao ser convidado por Júlio Mesquita a escrever para *A Província de São Paulo*, jornal autodeclarado "moderno" criado, por volta de 1875, pelas elites econômicas paulistas, que divulgava um ideário evolutivo-positivista familiar ao jovem polígrafo, principalmente as teorias de Darwin, Spencer e Comte (Schwarcz, 1993, p. 32).

O comportamento de insubordinação de Euclides repercutiu a ponto de lhe conferir um status de republicano em proporções mais abrangentes, assegurando-lhe um emprego neste importante jornal na província de São Paulo. "Com efeito, a acolhida que o editor-chefe e o pessoal de A província de São Paulo deram a Euclides foi o primeiro

passo para que a família do escritor decidisse mudar-se do Rio para a florescente província paulista.” (Amory, 2009, pp.63-64).

Euclides se associa ao jornal com a pretensão de escrever para um público mais amplo sobre a derrocada da monarquia (Amory, 2009, p.65). Dentre os primeiros escritos publicados pelo jornalista carioca, destacam-se o acirramento das questões republicanas nas suas preocupações intelectuais e sociais e a postura compatível com a atitude subversiva adotada na Escola Militar. No dia 29 de dezembro de 1888, artigo intitulado *Questões Sociais*, apregoava a necessidade de uma postura social revolucionária aos republicanos brasileiros, defendendo uma luta em defesa da democracia e o combate ao que entendia como influência negativa do regime monarquista (Cunha, 1888).

Euclides procurava descrever a marcha das sociedades como um resultado do equilíbrio dinâmico da humanidade e da história, sendo a primeira representada como generalização família, concepção quem sabe muito associada ao contato com as tradições sociológicas comtianas, enquanto a segunda era descrita como síntese racional do território e das tradições (Cunha, 1888). Assimilando conceitos e teorias importantes no âmbito das ciências da natureza (princípio geral da relatividade, princípio da mecânica), o jovem polígrafo empresta à ciência a importância de elevar não só a constituição do cidadão moderno, bem como a de orientar a própria Pátria ao destino da civilização (Cunha, 1888). Desse modo, para o jornalista republicano, a defesa revolucionária da democracia como política do século XIX faria muito sentido, pois, tal como um paradigma das conhecidas ciências exatas, seria ela resultante de uma dedução lógica cientificamente demonstrável, assim como a República, seria o resultado lógico da civilização, como evolução política, seria naturalmente alcançada pela escolarização, pelo contato com a teoria científica e a racionalidade (Cunha, 1888).

Euclides durante esse período mantem-se afeito ao estudo regular baseado em princípios metodológicos e conclusões racionais, expressando em diversos artigos a sua filiação íntima a propaganda republicana, evolucionista e positivista. Escreve sobre figuras históricas como os republicanos Silva Jardim e Quintino Bocaiúva como alguém muito atento aos membros do movimento social, analisa a postura dos conservadores antagonistas, e apresenta seu próprio entendimento sobre os fenômenos sociais da realidade brasileira. Uma das poucas vezes em que o jornalista traça qualquer esboço

sobre a população negra do país, em artigo da coletânea *Atos e Palavras*, publicado no dia 12 de janeiro de 1889, tece duras críticas à Guarda Negra, e, mesmo sem entender o motivo de sua existência, afirmava enxergar nela a parcela desmoralizada dos filhos brasileiros da raça negra (Cunha, 1889).

Para Euclides, a eminência da República não era um prelúdio da eclosão do conflito de raças no país, pois acreditava na harmonização entre a raça negra e a latina. Ele entendia que, mesmo ante ao fato de aqueles terem sido explorados e subordinados durante três séculos de escravidão, os negros estavam aliados às tradições gloriosas do Brasil, por isso destacou e exaltou duas figuras históricas brasileiras, Henrique Dias e Luís Gama (Cunha, 1889). O autor teve a sagacidade de perceber que o Império, protegido pela Guarda Negra, não apagava um histórico secular de exploração vivenciado pela população negra brasileira que, mesmo com a Abolição (1888), pouco podia se considerar aliada de um governo que na maior parte de sua vigência serviu-se de artifícios para mantê-la em seu julgo e domínio.

Ademais, em termos práticos o governo imperial não se preocupava com o problema da incorporação dos libertos à vida nacional (Carvalho, 1990, pp.23-24), – na verdade os negros egressos da senzala, após a Abolição, passaram a ocupar a "franja marginal" dos postos de trabalhos assalariados, de piores condições de vida, de modo a enfrentarem "elementos ideológicos de barragem social" fundados em preconceitos de cor, que associavam o corpo negro à indolência, ao alcoolismo, ao descaso com suas obrigações de trabalho (Moura, 1988, p.65). A política imperial, que sempre havia atuado ao lado dos proprietários escravagistas, descaracterizando diversas denúncias, ataques e violências desferidas aos amefricanos e reprimindo manifestações de abolicionistas (Schwarcz & Starling, 2018, p.308), comungava do "mito incapacidade do negro para o trabalho" e via na incorporação do imigrante europeu a justificativa para a eleição de um modelo de trabalhador, supostamente superior do ponto de vista racial e cultural (Moura, 1998, p.69).

Como visto, assim como Euclides, muitos dos que participaram da mocidade militar também acreditavam na dimensão científica dos ideais democráticos dos republicanos como a inevitável sucessão histórica ao regime monarquista, e se mobilizavam mesmo na ausência de um plano prático capaz de definir como de fato se implantaria a República. Decisivos, configuraram uma unidade e coesão de pensamento

que chegou a atingir oficiais que naquele contexto participavam na política, e conseguiram transmitir uma sensação de que figuras como Cunha Matos, Sena Madureira, Deodoro da Fonseca, Sólon Ribeiro, Rui Barbosa, Benjamin Constant, representavam a "classe militar" (Castro, 2000). Dentre os momentos que antecedem o golpe, destaca-se o recebimento de seis abaixo-assinados secretos, naquele tempo referidos como “pactos de sangue”, a Benjamin Constant, aonde se contava a participação de 173 signatários, a maioria deles jovens militares que estudavam em escolas superiores de formação do Exército: Escola Superior de Guerra e a Escola Militar da Praia Vermelha (Castro, 1995, p. 31). Dos alunos desta segunda instituição, cerca de 110 prestaram solidariedade incondicional até a morte à atuação do tenente-coronel como representante da “classe militar” contrária ao governo (Castro, 2000).

> Com a Proclamação da República, a atitude de Euclides da Cunha converteu-se, de ato de rebeldia em ato de heroísmo, e o ex-aluno foi readmitido na Escola Militar. Além disso, Euclides teve a honra de ir encontrar-se com um dos generais proclamadores da República, Sólon Ribeiro, seu futuro sogro. (Souza & Galvão, 2007, pp.173-174);

Em textos escritos e publicados após a proclamação da República de 1889, no então renomeado jornal O Estado de São Paulo, e em cartas escritas ao pai em 14 de junho de 1890, é possível ver Euclides criticando as primeiras medidas do governo republicano. Demonstrava-se decepcionado com o ambiente social da cidade carioca, chegando inclusive a romper com Benjamim Constant, posicionamento este que resultava da consequência de ver seu “antigo ídolo” inserido em “ambiente corrupto” que assolava o país (Cunha, 1997, p.30).

> A política financeira dos ministros da Fazenda do marechal Deodoro da Fonseca, Rui Barbosa e Barão de Lucena, provocou uma euforia especulativa, chamada de encilhamento, em analogia à preparação dos cavalos antes da corrida. Rui Barbosa autorizou, em 17 de janeiro de 1890, os bancos privados a emitirem dinheiro, dando início a uma série de decretos que foi modificando ao longo de sua gestão. As medidas trouxeram inflação galopante, desconhecida no país desde a década de 1820, com desvalorização da moeda, especulação com títulos e papéis, abertura e fechamento de empresas fantasmas. Diversos contemporâneos de Rui criticaram o decreto como um ato escandaloso de favorecimento às empresas do Conselheiro Mayrink, que recebia não só privilégios bancários como inúmeras facilidades para negócios com terras públicas e contratos de construção (Ventura, 1996, p.281).

Euclides compareceu a certas reuniões conspiratórias conduzidas por Floriano Peixoto e, após o contragolpe de 23 de novembro, ao jovem polígrafo foi dada a possibilidade de participar do governo, de tal forma a escolher um cargo político de seu interesse para iniciar sua carreira de engenheiro militar. No entanto, a recusa,

possivelmente “[...] inspirado pela retidão de caráter de seu mestre Benjamin Constant e pela própria doutrina positivista, avessa às tradições do privilégio e a favor da meritocracia”, o fez posicionar-se favorável ao cumprimento regular das etapas do currículo, de tal sorte que solicitou apenas um emprego correspondente com a sua situação de recém-formado (Souza & Galvão, 2007, p.175).

Anos depois de ter assumido um estágio na Estrada de Ferro Central do Brasil, Euclides passou a manifestar, em cartas, o desejo de se tornar professor da Escola Politécnica de São Paulo (Santana, 1996, p.311). A engenharia era o ofício que assegurava o sustento de sua família, mas seus ofícios diários afetavam a realização de seus desejos e intenções pessoais. Encontrava-se, durante esse período da vida, preocupado com as imposições e exigências da vida, e associava as obrigações matemáticas, ligadas à atividade de engenheiro, ao sentimento de tédio e desânimo (Cunha, 1997, p.36). Pouco interessado por política, suas participações no jornal O Estado de São Paulo, suspensas desde 1892, evidenciavam um cotidiano atribulado com outras preocupações (Cunha, 1997, p.32).

O polígrafo se dedicava aos estudos científicos vislumbrando a possibilidade de atuar como docente em São Paulo. Sendo assim, tinha nessa atividade profissional a realização de seu real interesse pessoal, e, apesar de não ter sido selecionado pelo governo paulista de Bernardino de Campos para ocupar cargo, em 1893, na Escola Politécnica (SP), durante os períodos que vão de 1895 até 1896, continuou se dedicando aos estudos de Mineralogia, provavelmente almejando, através de concurso público, o acesso à cadeira de Mineralogia e Geologia da Escola de Engenharia de São Paulo (Santana, 1996, p.316). Em 18 de janeiro de 1897, por determinação legal, os editais de concurso acabariam sendo suspensos, e as nomeações, como consequência, seriam exercidas pelo próprio governo paulista.

Mais tarde, em setembro de 1896, o polígrafo não lograria sucesso em efetivar seu desejo de tornar-se professor de Mineralogia e Geologia, continuaria a atura como engenheiro, dessa vez, nomeado na Superintendência de Obras Públicas, em São Paulo.

3. O DIÁRIO DE UMA EXPEDIÇÃO E O ESBOÇO EUCLIDIANO DE UMA TEORIA SOBRE A IDENTIDADE NACIONAL

A partir da consolidação de um conjunto de conhecimentos relativos à formação da personalidade histórica de Euclides da Cunha, desenvolver uma análise sobre *Diário de uma Expedição* como um relato biográfico, uma experiência profissional, um esboço de uma teoria científica, uma experiência social capaz de impactar os referenciais culturais na transmissão de palavras sobre o outro, o diferente, o "exótico" **(objetivo geral)**.

Antônio Vicente Mendes Maciel, o Conselheiro, surgiu por volta de 1870 como uma liderança do interior do nordeste preocupada em organizar mutirões para construir igrejas e cemitérios, fazia oposição ao regime republicano, criticava a Constituição de 1891, a instituição do casamento civil, a cobrança de impostos e o registro de mortes e nascimentos (Ventura, 1997, p.166). Enquanto a Igreja Católica exercia pressão contra o movimento, desde 1882 proibira Conselheiro de pronunciar seus sermões e condenava a atuação de beatos e pregadores leigos, os proprietários de terra, por sua vez, desejavam estancar o desequilíbrio político da região e a escassez de mão-de-obra, provocados pela expansão migratória da comunidade religiosa (Ventura, 1997, p.167). Mesmo assim, durante vinte anos, Conselheiro peregrinou e pregou pelos sertões do nordeste, e, por volta de 1893, foi um dos principais responsáveis pelo estabelecimento de um povoado em fazenda próxima das margens do rio Vaza-Barris.

> *Euclides, já reiniciando suas colaborações* [no jornal Estado de S. Paulo], *mantinha-se calado diante dos fatos de que se falava com tão nítidos acentos políticos, fazendo-o naturalmente por isso mesmo, embora a essa altura ainda se mantivesse preso aos velhos ardores republicanos, em indubitável fase de abrandamento. O maior desastre daquela guerra para os soldados do litoral – a derrota de Moreira César – iria, entretanto, tirá-lo do mutismo a que se entregava de público* [...] (Andrade, 2003, p. XLVIII, grifo do autor).

Em meio ao noticiário tomado pelo desastre da campanha de Canudos, Euclides escreveu, antes da viagem como correspondente, dois artigos para o jornal O Estado de São Paulo, denominados "A nossa Vendéia", traçando um paralelo entre o movimento monarquista de caráter religioso contrário à Revolução Francesa e a sublevação de Canudos, liderada pela figura messiânica de Antônio Conselheiro. Influenciado por Caminhoá, Martius e Saint-Hilaire, Euclides, desde o princípio, demonstrou uma preocupação com os sucessivos fracassos das campanhas republicanas (Andrade, 2003, p. XLVIII). Nestes primeiros dois artigos o polígrafo se deparou com os contrastes de

um interior do Brasil, suas primeiras percepções acompanhava uma ideia socialmente compartilhada sobre a palavra *sertão*: lugar despovoado de civilidade, categoria do imaginário portadora de amplos sentidos negativos, região afastada de natureza ainda não dominada e de habitantes desconhecidos[12].

Desta feita, o primeiro artigo, publicado 14 de março de 1897, que notadamente fazia alusões diretas da relação entre a sublevação sertaneja e as propagandas monarquistas, apresentava como objetivo primário a elaboração de uma visão sobre a geografia física, o clima e a vegetação do *sertão* norte da Bahia. Os nomes científicos se espraiam por toda a sua escrita, o sistema de nomenclatura científica atenta-me para os interesses de um intelectual obstinado por entender parte daquele cenário social de Canudos, pois Euclides demonstra-se muito preocupado em delinear os fatores que explicavam a seca e aridez da região, as espécies da vegetação sertaneja, em relatar a importância dos frutos, das peculiaridades das folhas e plantas, sugerindo, inclusive, as supostas preferências dos brasileiros que compunham aquela sociedade sertaneja.

> Pertencente ao sistema huroniano ou antes erigindo-se como um terreno primordial indefinido entre aquele sistema e o laurenciano, pela ocorrência simultânea de quartzitos e gneisse graníticos característicos, o solo daquelas paragens, arenoso e estéril, revestido, sobretudo nas épocas de seca, de vegetação escassa e deprimida é, talvez, mais do que a horda dos fanatizados sequazes de Antônio Conselheiro, o mais sério inimigo das forças republicanas. (Cunha, 2003, pp.3-4)
>
> [...]
>
> E sobre os campos, em cujo solo depauperado vingavam apenas bromélias resistentes e cactos esguios e desnudos, florescem o *imbuzeiro* (S*pondia tuberosa*) de saboroso fruto e folhas dispostas em palmas; a *jurema* (*acácia*) predileta dos caboclos e os *murungus* interessantíssimo em cujo ramos tostados e sem folhas desdobram-se com flâmulas festivas grandes flores de um escarlate vivíssimo e deslumbrante (Cunha, 2003, p.5).

Além de ter se inteirado sobre as especificidades da região baiana que abrigava o movimento social de Canudos, pode-se dizer que sua vivência e compreensão de conceitos de topografia e de reconhecimento de terreno possuem notável contribuição da sua formação escolar na Escola Militar da Praia Vermelha, como previsto no currículo de ensino da instituição (Castro, 1995, p.49). Essa preocupação em desvendar o meio de vida, a natureza, a disposição topográfica, a "estrutura geognóstica", a

---

[12] "[...] as áreas despovoadas do interior do Brasil. Quando digo 'despovoada', refiro-me evidentemente aos habitantes civilizados, pois de gentios e animais bravios está povoada até em excesso" (SAINT-HILAIRE, 1937, p.378 apud AMADO, 1995 p.148).

“aridez” do sertão, a “vegetação resistente”, os “cactos flageliformes reptantes e ásperos”, decorre do entendimento da centralidade do meio na concepção antitética da “*Nossa Vendéia”*, pois este, além de impor “dificuldades e perigos” principalmente aos estranhos à sua convivência cotidiana, certamente justificaria muito dos comportamentos e características dos “patrícios do sertão”, nos termos de Euclides, serviria de “rude escola” responsável pelo aparecimento e a formação dos sertanejos (Cunha, 2006, p.124).

Euclides caracteriza a região pela presença de contrastes, esta reuniria os extremos de uma “maravilhosa exuberância” e uma “completa esterilidade” (Cunha, 2006, p.123). Seus conhecimentos sobre as erosões provocadas pela “ação mecânica das águas”, o jogo de “dilatações e contrações”, sobre a formação de “rudes monumentos” de “rochas graníticas” na “monotonia” do planalto das chapadas do *sertão* norte da Bahia, evidenciam a presença de uma sistematização mais robusta de conhecimentos sobre o meio e o destaque deste na primeira narrativa do polígrafo sobre o movimento social sertanejo (Cunha, 2006, p.124).

> É sobre estes tabuleiros, recortados por inúmeros vales de erosão que se agitam nos tempos de paz e durante as estações das águas, na azáfama ruidosa e álacre das *vaqueijadas* os rudes sertanejos completamente vestidos de couro curtido - das amplas *perneiras* ao chapéu de abas largas - tendo a tiracolo o laço ligeiro a que não escapa o garrote mais arisco ou rês alevantada e pendente, à cinta, a comprida faca-de-arrasto, com que investe e rompe intricados cipoais.
>
> Identificados à própria aspereza do solo em que nasceram, educados numa rude escola de dificuldades e perigos, esses nossos patrícios do sertão, de tipo etnologicamente indefinido ainda, refletem naturalmente toda a inconstância e toda a rudeza do meio em que se agitam. (Cunha, 2006, p. 124).

Nessa tentativa de mediação das descontinuidades formativas entre a população letrada e os sertanejos de Canudos, evidencia-se que esta primeira narrativa jornalística exprime a distância entre os referenciais sociais, o do jornalista e da sociedade sertaneja, de duas sociedades e seus respectivos patrimônios culturais, pois ao mesmo tempo em que se constata o pouco conhecimento sobre o surgimento e a forma de organização e estruturação da vida na comunidade social sertaneja, também se verifica o exercício intelectual de Euclides em entender e interpretar o movimento a partir das suas próprias experiências biográficas formativas.

O meio aparece como “rude escola”, em tentativa de aproximação com o papel das instituições educacionais na constituição e formação do ser social, os sertanejos são

apresentados como “nossos patrícios do sertão” e Canudos como “Nossa Vendéia” (Cunha, 2006, p. 124). Nesta antítese teórica formulada por Euclides, o homem e o solo se complementariam, pois intimamente ligados, muito das definições e características estabelecidas para o segundo se achariam nas descrições sobre o primeiro. Enquanto aliados, justificariam a “aproximação histórica” com a Vendéia francesa, embasariam a narrativa do encontro entre o “fanatismo religioso” com as “almas ingênuas e simples”, a “coragem bárbara e singular” de uma comunidade em processo de tradução ao litoral urbanizado e sua população letrada (Cunha, 2006, p.124).

> O homem e o solo justificam assim de algum modo, sob um ponto de vista geral, a aproximação histórica expressa no título deste artigo. Como na Vendéia o fanatismo religioso que domina as suas almas ingênuas e simples é habilmente aproveitado pelos propagandistas do Império.
>
> A mesma coragem bárbara e singular e o mesmo terreno impraticável aliam-se, complementam-se.
>
> [...]
>
> A justeza do paralelo estende-se aos próprios reveses sofridos. A Revolução francesa que se aparelhava para lutar com a Europa, quase sentiu-se impotente para combater os adversários impalpáveis da Vendéia - heróis intangíveis que se escoando céleres através das charnecas prendiam as forças republicanas em inextrincável rede de ciladas...
>
> Entre nós o terreno, como vimos, sob um outro aspecto embora, presta-se aos mesmos fins.
>
> Este paralelo será, porém, levado às últimas consequências. A República sairá triunfante desta última prova. (Cunha, 2006, p. 125). (Cunha, 2006, pp. 123- 124)

Neste trecho podemos observar que a estrutura analítica presente nesse primeiro artigo de Euclides se baseia em três principais fundamentos: (i) paralelo com um processo histórico vivenciado por outra sociedade, outro país, “adversários impalpáveis” que abalavam e prendiam o regime republicano recém-instituído no país; (ii) o entendimento de que provas e etapas precisam ser superadas para o ingresso em estágio civilizatório supostamente superior; (iii) o terreno, o solo, o meio, mesmo distintos, contribuem para uma situação de atraso de certa forma equivalente ao experimentado pela França na Europa.

Quanto ao segundo artigo, escrito quatro meses depois do primeiro, publicado no dia 17 de julho, Euclides parece mais preocupado em apresentar um conjunto de razões que justificariam as derrotas do Exército. À luz de “exemplos modernos”, o polígrafo evidencia na história de países como Inglaterra, França, Itália a recorrência de “reveses

notáveis" sofridos por "[...] exércitos regulares aguerridos e bravos e subordinados a uma disciplina incoercível, ate os guerrilheiros inexpertos e atrevidos, assaltando-os em tumulto, desordenadamente e desaparecendo, intangíveis quase, num dédalo impenetrável de emboscadas." (Cunha, 2003, p.10). Mesmo que de modo indireto, pois Euclides criticava a "morosidade das operações de guerra" das "forças da republicanas" (Cunha, 2003, p.9), tratava-se da fabricação de uma narrativa capaz de aproximar aquela experiência histórica nacional (Canudos) de seus referenciais culturais formativos, muitos deles aparados pela literatura evolucionista estrangeiro, e de inseri-la em modelos normativos da história supostamente universal, de tal modo a assegurar a determinadas afirmações, contundências e certezas que o polígrafo nutria da resolução do conflito em favor dos republicanos (Ventura, 1990, p.131).

Naquela altura a República havia sofrido "tropeços" (Cunha, 2003, p.9) simbólicos em Canudos, na expedição de Febrônio de Brito, surpreendia pelos métodos de combate dos jagunços, depois na expedição conduzida pelo coronel Moreira César, autoridade militar respeitada pela experiência vitoriosa na Revolução Federalista no Sul, no entanto, assassinada em combate nada convencional nas guerrilhas da caatinga baiana (Canudos, 1978). A "feição caótica e acidentada", o aspecto "bizarro e selvagem", o "labirinto de montanhas", os "cerrados extensos impenetráveis", os "obstáculos de ordem física" emprestavam ao meio a justificativa da dificuldade da luta por parte dos batalhões republicanos derrotados, e, em contrapartida, favorecia aos sertanejos acostumados e familiarizados com a terra (Cunha, 2006, pp.126-128).

Em outras palavras, Euclides exprimia na sua narrativa a vantagem do exótico de conhecer aquilo que para ele se afigurava como desconhecido e compreendia a situação desastrosa do familiar por conta de seu desconhecimento das circunstâncias da luta:

> A marcha do Exército republicano opera-se nesse labirinto de montanhas.
>
> Não é difícil aquilatar-se a imensa série de obstáculos que a perturba.
>
> Por outro lado, na quadra atual, sob o influxo das chuvas, revestem-se os amplos tabuleiros, as encostas das serras e o fundo dos vales, de uma vegetação exuberante e forte, vegetação intensamente tropical, cerrados extensos impenetráveis, em cujo seio a trama inextrincável das lianas se alia aos acúleos longos e dilacerantes dos cactos agrestes.
>
> Vestido de couro curtido, das alparcatas sólidas ao desgracioso chapéu de abas largas e afeiçoado aos arriscados lances da vida pastoril, o *jagunço*, traiçoeiro e ousado, rompe-os, atravessa-os, entretanto, em todos os sentidos, facilmente, zombando dos espinhos que não lhe rasgam sequer a vestimenta

> rústica, vingando célere como um acrobata as mais altas árvores, destramando, destro, o emaranhado dos cipoais (Cunha, 2003, pp. 12-13).

Ademais a adaptação do jagunço ao meio de vida, a narrativa expressa no comportamento das forças republicanas também a justificativa para o prolongamento da campanha de Canudos. Nesse sentido, para Euclides, as ausências de "pontos de refúgio intermediários", de "bases de operações secundárias" seriam de extrema importância para assegurar uma comunicação eficaz entre os batalhões do Exército e uma distribuição necessária de recursos para realização da guerra (Cunha, 2003, p.13). Certamente o polígrafo encontrava-se bastante influenciado pelas disciplinas cursadas de tática e estratégia, ataque e defesa dos entrincheiramentos e das praças de guerra, noções elementares de balística, previstas no currículo de ensino da Escola Militar, pois no decorrer do artigo o jornalista estabelece nessas diretrizes estratégicas, "medidas urgentes" para a resolução do conflito no *sertão* norte da Bahia (Cunha, 2003, p.14).

> Mas, amanhã, quando forem desbaratadas as hostes fanáticas do Conselheiro e descer a primitiva quietude sobre os sertões baianos, ninguém conseguirá perceber, talvez, através das matas impenetráveis, coleando pelo fundo dos vales, derivando pelas escarpas íngremes das serras, os trilhos, as veredas estreitas por onde passam, nesta hora, admiráveis de bravura e abnegação - os soldados da República. (Cunha, 2004, p. 14).

Para Euclides, descrevia-se a luta entre dois modelos de estrutura e organização social, os sertanejos de "organização rudimentar" que existiam no "meio das maiores misérias" e conviviam com as trincheiras erguidas pela "natureza" e pela "movimentação irregular do solo", sua força resultante de sua "própria inconsistência" e "inferioridade", municiados de recursos armamentistas "inferiores" ("bacamartes grosseiros", "rudes espingardas e pederneiras"); e os combatentes republicanos de "organização mais potente", de força e funções "perfeitamente especializadas", embora vencidos pelos obstáculos do meio, também por isso, dotados de "bravura e abnegação" para expressar o ímpeto de uma organização política, de um Estado e de uma suposta civilização em tentar calar, suprimir aquele movimento social que colocava em xeque a escala de valores da fração dominante da sociedade brasileira, em outras palavras fazer Canudos "descer a primitiva quietude" (Cunha, 2003, pp.10-14).

Mesmo enfrentando a ausência de muitos conhecimentos tanto da sociedade quanto da terra daquele sertão baiano, em vista a dificuldade de encontrar livros sobre estes assuntos, Euclides demonstrou-se aplicado, estudioso, e intimamente envolvido com a situação de Canudos. Ainda que certas vezes tomado por "argumentos

emocionais", é possível observar nesses prelúdios do diário um pronunciamento que não escondia os referenciais culturais ligados ao seu processo de formação intelectual e raciocinava com certa objetividade o desenrolar dos fatos (Andrade, 2003, p.XLIX). Os artigos causaram relativa reverberação social, principalmente nos quadros internos do jornal, em consequência, Euclides foi convidado a participar como correspondente dos acontecimentos no *sertão* da Bahia.

> A decisão do jornalista, conquanto tivesse que ser rápida, não veio senão após inúmeras recusas aos argumentos de Júlio Mesquita, reforçados, a pedido deste, por amigos comuns aos dois: aquela era missão de alto nível jornalístico, junto à comitiva do próprio ministro da Guerra que, diante da gravidade da situação, iria assumir pessoalmente o comando das operações; exigia homem cuja capacidade transcendesse à de um mero noticiarista, cujas notas se tornassem inconfundíveis nas páginas do jornal; tratava-se de interpretar um acontecimento da maior importância para o país, de travar contato direto com o sertão, de assunto cujas dimensões exatas ninguém estava mais capacitado que ele, Euclides para dá-las, quem sabe ampliando-as, apontando-lhes a projeção sobre os vários caminhos do nosso destino... (Andrade, 2003, p. LI, grifo do autor).

Euclides embarcou por via marítima, junto da comitiva do Marechal Machado Bittencourt, o ministro da Guerra, para a região de Canudos no dia 4 de agosto, e como corresponde desenvolve um diário de viagem, a partir das correspondências enviadas aos leitores do jornal. No entanto, é preciso observar que a estreita relação entre o polígrafo e a metodologia científica inseria-o em uma lógica de produção historicamente mais larga. Não é que este estivesse a fazer algo exatamente idêntico aos antigos viajantes europeus em expedições por outros continentes do globo, visto que assumiria a condição de correspondente jornalístico no deslocamento, justificativa primária a sua sistematização teórica.

> O deslocamento realizado por Euclides, longe de ser singular, é bastante representativo de um esforço empreendido, em verdade desde o século XVIII, de trazer ao conhecimento dos círculos intelectuais as populações de outros cantos do planeta, ditas sem história que existiam à sua margem. (Nogueira, 2017, p.18).

O século XVIII remonta a um período marcado por operações intelectuais empenhadas em investigar as coisas do mundo, em particular a multiplicidade de dimensões que constituem o ser humano, naquela época ainda incipiente estudo sobre o "homem" (Nogueira, 2017). Fundamentada no "resgate da observação sensível", na "ênfase no exercício do olhar", o "século por excelência da viagem" foi notadamente caracterizado pela movimentação de sujeitos no espaço, pela disseminação da prática

das viagens que visavam à busca de conhecimento pessoal e social (Nogueira, 2017, p.29).

De tal forma que dentre os viajantes, destacavam-se ainda forte presença de agentes colonizadores, missionários, exploradores, comerciantes, diplomatas, marinheiros, engenheiros, artistas e naturalistas. Tais travessias eram empenhadas desde o século antecedente, mas a grande e notável diferença que caracteriza o marco dos Setecentos se da pela afirmação de um interesse pelo outro sustentado por uma organização teórica e metodológica mais robusta, pela exigência da "[...] atitude disciplinada diante das diferenças, uma nova forma de olhar os povos." (Nogueira, 2017, p.41).

O estabelecimento de uma tradição mais científica desse tipo de narrativa dos viajantes tem marcos em publicações como *Histoire générale des voyages* (1746/1759), *Instructio peregrinatoris* (1759), de Erik Nordblad, o artigo *Voyage* (1765), de Louis Jaucourt, bem como as críticas céticas de Georges-Louis Leclerc (conde de Buffon), em *Histoire naturelle* (1749/1788), *Questions de statistique à l'usage des voyageurs* (1795), do conde de Volney (Nogueira, 2017). Estes textos traziam importantes contribuições, pois além de elogiar a atividade de difusão de saberes, impunham diretrizes objetivas aos deslocamentos, tais como "[...] buscar informações abundantes e interrogar hábitos e costumes dos outros povos" e atentavam para os riscos da publicação de relatos não fidedignos (Nogueira, 2017, p.41).

Sendo assim, essa valorização setecentista da viagem como oportunidade de produção de conhecimento capaz de decifrar a condição humana, interpretar e traduzir as diferenças, estabelecida a partir de critérios metodológicos que se pretendiam racionais, era acompanhado do repúdio ao relato carregado de exageros presentes em narrativas, da mesma natureza, fabricadas no século anterior (Nogueira, 2017, pp.45-46). Bem como os preconceitos permaneceriam alguns elementos de uma geração secular para a outra, entretanto, quanto ao sentido metodológico, uma proposta clamava ciência e elaborava um conjunto de produções intelectuais a cerca de povos e populações.

"Assim, o final do Setecentos e início do Oitocentos assistiram à proliferação de trabalhos sobre história natural dos povos longínquos, sua morfologia, seus costumes, diagnósticos sobre as raças e as alterações em seu desenvolvimento conforme o clima."

(Nogueira, 2017, p.62). Até a metade do século XIX, o acervo de textos e mapas que buscavam elucidar o desconhecido se avolumava, alguns teóricos europeus, imbuindo-se do referencial civilizatório (selvagens, antigos e modernos), projetavam diferentes ritmos temporais de “progresso” aos povos nativos encontrados, as travessias espaciais representavam deslocamentos no tempo e, ao mesmo tempo em que se alijava o outro/diferente do presente, emergia a antropologia e a etnografia anglo-americana e francesa, o fazer etnográfico (Nogueira, 2017, p.74).

Desta forma, será possível ver Euclides como alguém profundamente interessado em coletar informações sobre Canudos, em investigar, interrogar, questionar e inquirir em busca de respostas a perguntas previamente estabelecidas. Suas descrições demonstram o contato formativo com dimensões científicas da linguagem, suas interpretações destacam a íntima relação com a literatura evolucionista europeia, sua prosa evidencia a identidade de um estudioso aplicado em construir um importante documento histórico sobre o acontecimento histórico nacional. No seu diário de viagem constantemente podemos ver o polígrafo esbarrando nos entraves do *sertão*, às vezes em contato e observação da natureza, n’outras nas próprias razões que este elabora para explicar situações e eventos aparecidos no cotidiano.

A força das imagens que Euclides elabora, em esforço muitas vezes literário, se exprime desde as primeiras linhas de suas correspondências. Em vista disso, mesmo nos dias de hoje, torna-se possível imaginá-lo em cima do tombadilho do navio Espírito Santo, "acotovelado" por passageiros, escrevendo "rapidamente" o que viria a ser sua primeira carta durante a viagem (Cunha, 2003, p.16). Nessa manhã avistou a ilha de Itaparica à sua esquerda, "revestida de vegetação opulenta e indistinta pela distância", descreveu um "mar tranquilo", tal qual um "lago", sobre o qual se alevantava o "farol da Barra", cingido por um véu de espumas (Cunha, 2003, p.16). "Em frente avulta a cidade, derramando-se, compacta sobre imensa colina, cujos pendores abruptos reveste, cobrindo a estreita cinda do litoral e desdobrando-se, imensa, do Forte da Gamboa a Itapagipe, no fundo da enseada." (Cunha, 2003, p.16);

> Na proa os soldados que trazemos acumulam-se, saudando, entusiastas, os companheiros de S. Paulo, vindos ontem, enchendo literalmente o Itupeva, já ancorado.
>
> A um lado, alevanta-se, firmemente ligado ao reparo sólido, um sinistro companheiro de viagem - o morteiro Canet, um belo espécime da artilharia moderna. Destina-se a contraminar as minas traidoras que existem no solo de Canudos. (Cunha, 2003, p.17);

Para Euclides, a "artilharia moderna", que pesava cerca de duas toneladas, apesar de não contar com a "pólvora apropriada" e estar servida de "apenas sessenta e nove projéteis", revelava sua eficácia pelo "efeito dos seus tiros" e encontraria sua maior dificuldade no "transporte pelas veredas quase impraticáveis dos sertões" (Cunha, 2003, p.17). Os relatos, adornados com palavras eruditas, revelavam além de uma formação escolar voltada ao aprendizado das ferramentas da língua portuguesa, uma observação detalhada sobre a mistura de sentimentos que tomava conta dos navegantes e oficiais que ocupavam a cidade. Euclides inicia, no seu primeiro relato, a composição de uma odisseia da guerra, interpretando os olhares, "velados de lágrimas", as tristezas, e até mesmo um "pesado silêncio" que pairava sobre "repentinamente sobre os grupos esparsos" (Cunha, 2003, p.17).

Ao sul, avistava-se o familiar, ao norte alevantava-se "o nosso grande ideal", mesmo que tantas vezes rejeitado pelos habitantes de Canudos, a República simbolizava um "antídoto enérgico", um "reagente infalível", uma "fé" e força motivadora capaz de impelir, animar e consolar aqueles que se afastavam dos "lares tranquilos" e se lançavam na "agitação das lutas e dos perigos" (Cunha, 2003, pp.17-18). O diário de viagem, que viria a traçar os lineamentos de *Os sertões*, apresentava a díade do exótico e do familiar. Mesmo nas imagens que compõem o relato do viajante observam-se contraposições claras e objetivas, e vê-se nas palavras de Euclides o contraste entre "o dia brilhante que nos rodeia", a "situação social tempestuosa" daquelas "paragens perigosas", daquele "lado do sertão" "pesado" e "lúgubre" (Cunha, 2003, p.18).

A estadia de Euclides na Bahia é impactada pela presença de muitos "oficiais feridos", em telegramas enviados para *O Estado de S. Paulo*, nos dias 9 e 10 de agosto, relatam-se "erros de tática" nas expedições e dificuldades sanitárias das tropas recebidas na cidade (Cunha, 2006, pp.32-33). Observa-se que os soldados, fortemente envolvidos na narrativa euclidiana, serviam como verdadeiros "heróis" e representavam, ora a "onda guerreira" que irrompia do Sul capaz de agitar e transfigurar "hábitos arraigados", ora "feridos e convalescentes" que retornavam dos sertões e geravam comoção nas praças, bondes e hospitais da cidade (Cunha, 2003, pp.18-20).

> Percorri-os todos e em todos surpreendeu-me a ordem notável que reveste a generosidade sem par de um povo que se vai tornar credor do Brasil inteiro. Daí, talvez, a animação que revigora e alenta aos malferidos mesmo; sobre o aniquilamento físico, a esperança ressurge-lhes amparada pelo amor de uma sociedade inteira e, aviventadas no íntimo aconchego dessa proteção

> nobilitadora, as almas palpitam vigorosas dentro dos peitos exaustos e inanidos. (Cunha, 2003, p.20)

Euclides relatava, aos correspondentes de São Paulo, a narrativa do fervor das paixões republicanas, não que estivessem no cerne das preocupações e sentimentos da população baiana, comovida com os horrores da guerra, mas certamente estavam no íntimo das motivações oficiais. O polígrafo revelou na visita do General Savaget – "velho combatente" que, na luta travada em Cocorobó, foi capaz de reviver o "heroísmo lendário de Leônidas" (Cunha, 2003, p.26) –, aos companheiros e subordinados feridos da 2ª coluna de guerra um "quadro sobre-humano", presenciou "gestos entusiásticos" de homens "nas fronteiras da morte" que ainda assim procuravam saudar "vivas à República" (Cunha, 2006, pp.33-34). Similarmente aos artigos escritos antes da viagem, as figuras da narrativa que representam os parâmetros da civilização são descritas pelos seus atos corajosos e por sua forte associação ao republicanismo brasileiro incipiente, e comparado a eventos históricos estrangeiros, traço reforça a tentativa de inserir acontecimentos de Canudos dentro de um "modelo normativo de história universal" (Ventura, 1990, p.130).

Ao remontar seu depoimento sobre a situação geral que assolava o conflito entre as forças republicanas e os sertanejos aliados de Conselheiro, Euclides colhe nos relatos dos combatentes que retornavam da guerra algumas das razões do insucesso da expedição Moreira César. A "marcha da primeira coluna" tendo vencido combates próximos à região do "morro da Favela" se separou do "comboio das munições de boca e de guerra" e acreditado de se deparar com a fatal "vitória infalível" acabou "[...] fulminada, presa num círculo de ferro e de fogo – e sem poder reagir com um só tiro!" (Cunha, 2003, p.21). Quanto à "investida definitiva a Canudos", Euclides, impressionado com a "bravura pessoal do soldado", se deparou com a confusão de "batalhões e brigadas", e com a falta de ordenamento e disciplina de um exército "ligado apenas pela bravura e entusiasmo", pouco capaz de vencer a "saraivada de balas dos *jagunços*" (Cunha, 2003, p.21-22).

Mesmo assim, em termos de "opinião geral", os combatentes egressos concordavam com a avaliação de estarem no "epílogo da luta", pois se Canudos vencia os combates, nutrindo vitórias que emprestavam ao sertanejo "força moral" e o acesso a "armas tomadas", via-se, por outro lado, a República equipada com artifícios modernos

de guerra e articulada com a chegada de diversos batalhões para derrubá-los pela bala e pela fome (Cunha, 2003, p.21-22).

> Em grande parte assediado, Canudos liga-se agora aos sertões que o aviventam apenas pela estrada do Cambaio; fechada esta última pelas forças que seguem, os sitiados cederão pela fome. E esta última já se faz sentir entre eles, em que pese à sobriedade espartana que os garante. Vivem, inanidos quase. Diversos soldados que inquiri afirmam, surpreendidos, que o *jagunço* degolado não verte uma xícara de sangue (Cunha, 2003, p.22).

Euclides se depara com uma descrição dos combatentes da Republica sobre os jagunços que lhes atribuía quase uma visão sobrenatural, demonstravam uma compreensão dos sertanejos que, quando não muito contrariava, ao maior dos casos questionava o entendimento científico embasado em "leis fisiológicas" que estruturava parte dos referenciais culturais do polígrafo (Cunha, 2003, p.22). A resiliência dos "magros, secos, fantásticos", que deslizavam "pelas caatingas como cobras" com as suas "ásperas" "peles bronzeadas coladas sobre os ossos", certamente espantava tanto os sujeitos que lhes enfrentava em combate na caatinga baiana, tanto aqueles que participavam da minoria letrada do litoral, tais como Euclides possivelmente acostumados com conhecimentos fundados em princípios racionais e em leis universais, muitos destes importados da Europa (Cunha, 2003, p.22).

Mesmo acreditando na fidelidade das previsões sobre o término da guerra, Euclides ainda vivenciou de perto a chegada de diversos soldados feridos, "golpeados, mutilados, baleados", de tal forma a compor um cenário trágico, dantesco, de "candidatos à invalidez e à morte" (Cunha, 2003, p.23):

> Uns trazem ao peito, suspensos em tipoias grosseiras, os braços partidos ou desarticulados; arrastam outros penosamente as pernas inchadas enleadas em tiras ensanguentadas; e os pés disformes de quase todos, salpicados de placas circulares denegridas, patenteiam, trazem ainda profundamente cravados os longos espinhos dilacerantes do sertão. Ladeado e amparado por dois homens robustos, passa um belo tipo de caboclo do Norte, ombros largos e arcabouço de atleta bronzeado e forte, onde as agruras físicas não apagam a energia selvagem do olhar; e, mais longe, um patrício do Sul, talvez, figura varonil irrompendo elegante entre os andrajos, alevanta, numa tristeza altiva, a cabeça, como se fosse uma auréola o trapo ensanguentado que lhe circunda a fronte baleada. (Cunha, 2003, p.24)

Esse relato expõe a situação desastrosa que atingia as forças republicanas e que resultavam do conflito com os jagunços de Canudos. No entanto, mais do que isso também revelava, mesmo que em termos caricatos, a imensa diversidade étnica que compunha os batalhões de guerra de uma pátria republicana em formação. Vindos com Euclides, há poucos dias, noticiava-se a chegada do Batalhão Paulista, posteriormente,

desembarcando de diversas regiões do sul do país, “netos e filhos de farrapos”, os “batalhões do Sul”, do “extremo norte”, desembarcavam combatentes da Amazônia, “tostados pelos raios verticais dos sóis do Equador”, e também chegavam os “filhos do Pará” no “seio da antiga metrópole”, ou melhor, na “antiga capital” (Cunha, 2003, pp.28-29).

> Vêm, sucessivamente, promando de todos os pontos da nossa terra, convergindo todos para o seio da antiga metrópole, reunindo-se precisamente no solo onde pela primeira vez aparecemos na História, o *paulista empreendedor e altivo*, o rio-grandense *impetuoso e bravo* e o filho do Norte *robusto e resistente*. (Cunha, 2003, p.29, grifo meu).

Na narrativa do diário, Euclides fabrica um esboço de sua teoria sobre a identidade nacional, admitindo de antemão no nascimento de homens “em climas distintos por muitos graus de latitude”, a diversidade contrastante de “aparências”, “hábitos e tendências étnicas” que resultaria na composição dos principais “elementos da nossa nacionalidade”: o “mestiço trigueiro”, o “caboclo acobreado” e o “branco” (Cunha, 2003, p.29). Estes “elementos tão heterogêneos”, ou melhor, “brasileiros esparsos”, após estarem “longamente afastados”, são impelidos pela “organização superior da nossa nacionalidade”, constituída “em virtude da energia civilizadora acrescida”, ao ineditismo de repelir “[...] velhos vícios orgânicos e hereditários tolerados pela política expectante do Império.” (Cunha, 2003, pp.29-30).

Percebe-se na narrativa que a República simbolizava um passo importante na aproximação ao que se entendia como referencial cultural civilizado, este amparado pelos modelos e acervos culturais evolucionistas egressos do continente europeu. Desse modo, talvez seja um engano dizer que Euclides tratava os sertanejos de Canudos como estrangeiros, me parece muito mais evidente o entendimento desta sociedade como manifestação atrasada interna à própria nacionalidade, tensões sociais resultantes do processo civilizatório brasileiro, certamente, para o autor, legado negativo do comportamento de descaso da época imperial.

Em consequência, mais uma vez é possível deduzir outro componente importante para a elaboração do esboço teórico euclidiano sobre a configuração da identidade nacional brasileira, em vista a relevância que o Estado ganha dentro da dinâmica interna da composição da nacionalidade de um país, pois, ao mesmo tempo em que Euclides denuncia a ausência deste quando afirma a responsabilidade do descaso da monarquia brasileira, também reafirma a sua centralidade para a

modernização da nação e a elevação do nível material e cultural da população (Sevcenko, 2003, p.97).

O polígrafo compartilhava sua interpretação do surgimento de Canudos dentro desses parâmetros culturais e históricos civilizacionais, e, por isso, via Antônio Conselheiro como "espécie bizarra de grande homem pelo avesso", uma vez que este possuía "[...] o grande valor de sintetizar admiravelmente todos os elementos negativos, todos os agentes de redução do nosso povo." (Cunha, 2003, p.30). A cultura estranha e exótica, nesse caso, é compreendida e definida a partir das descontinuidades entre o "mundo" do correspondente e o mundo dos sertanejos (Velho, 1981, pp.126-127). Desse modo, atribui-se negatividade ao desconhecido muito por conta dele se constituir completamente exótico ao grau de familiaridade estabelecido em Euclides.

Como dito anteriormente, a ameaça do movimento social sertanejo, especialmente a suas formas de existência diferentes, questionava a estrutura social, a hierarquia coronelista e a distribuição de poder estabelecida tanto na vida urbanizada do país quanto na zona agrária das grandes propriedades de monocultura. Sendo assim, é possível compreender Euclides não apenas como correspondente desta, pois representava um jornal vinculado às elites econômicas paulistas (Schwarcz, 1993, p.32.), mas também como integrante que naturalizou valores e práticas desta realidade, principalmente por meio das instituições de ensino que frequentou. Desta feita, a figura messiânica de Antônio Conselheiro representava um contrário, o "evangelizador exausto dos sertões" era herdeiro do "espantoso legado" de "todos os erros e superstições dos que o precederam", era "notável exemplo de retroatividade atávica", e sobretudo, um "inimigo da República" fanático familiarizado com o "misticismo", o "produto natural mais completo" da "multidão" que dominava (Cunha, 2003, p.30).

> E surge agora; – permaneceu em vida latente longo tempo e devia *aparecer naturalmente*, logicamente quase, *ante uma situação social mais elevada e brilhante, definida pela nova forma política* como essas sementes guardadas há quatro mil anos no seio sombrio das pirâmides, desde os tempos faraônicos, *e germinando espontaneamente agora, quando expostas à luz*.
>
> *Daí a significação superior de uma luta que tem nesta hora a vantagem de congregar os elementos sãos da nossa terra e determinar um largo movimento nacional tonificante e forte*.
>
> Porque – consideremos o fato sob o seu aspecto real – *o que se está destruindo neste momento não é o arraial sinistro de Canudos: é a nossa apatia enervante, a nossa indiferença mórbida pelo futuro, a nossa religiosidade indefinível difundida em superstições estranhas, a nossa compreensão estreita de pátria, mal esboçada na inconsistência de uma*

> *população espalhada em país vasto e mal conhecido; são os restos de uma sociedade velha de retardatários tendo como capital a cidade de taipa dos jagunços* (Cunha, 2003, pp.30-31, grifo meu).

A formação de um intelectual como Euclides, ou seja, alguém familiarizado com o contexto urbano e internacionalizado do país, favorável a adesão de referenciais culturais e intelectuais europeus, fortemente influenciava o entendimento sobre aquela sociedade sertaneja, e nesse modelo, afirmar a unidade da nação significaria um importante passo para a constituição de uma civilização. Como visto na citação acima, o aparecimento do movimento social de Canudos é associado ao processo natural de geminação de uma planta, seu conteúdo de espécie remonta a estagnação de um passado longínquo e seu surgimento responde às condições impostas por um novo meio, uma "nova forma política", uma "situação social mais elevada", em termos de analogia racional, científica e republicana (Cunha, 2003, p.30).

A narrativa evolucionista de Euclides destaca-se, sobretudo, nessas associações entre processos observados na natureza e os fenômenos sociais percebidos no desenrolar dos acontecimentos históricos, nas descrições fundadas em contrastes, estabelecidas entre os batalhões republicanos e dos sertanejos, e na contínua simbolização de Canudos a referenciais negativos presentes na nacionalidade brasileira. Enquanto cientificista apegado ao valor das soluções racionais para questões formuladas a partir da mediação e contato com o mundo natural, o polígrafo certamente entendia na centralidade da "religiosidade indefinível" da sociedade sertaneja uma das justificativas para a sua suposta situação de atraso (Cunha, 2003, p.31). Enquanto intelectual que procurava constituir um saber teórico e prático sobre o Brasil, indicando e pontuando premissas necessárias para a transformação da sociedade brasileira, Euclides afirmava na importância da compreensão territorial, bem como de sua população, um dos requisitos fundamentais para alargar os conhecimentos sobre a nacionalidade brasileira e, consequentemente, favorecer uma inserção nas etapas mais avançadas do progresso e da civilização (Sevcenko, 2003).

O "arraial sinistro de Canudos" aparece na narrativa como um indicativo dessa "compreensão estreita de pátria", de "país vasto e mal conhecido", um impeditivo para a concretização daquele objetivo maior, pois os entraves que essa sociedade sertaneja impunha referiam-se a características centrais da nebulosa nacionalidade brasileira (Cunha, 2003, pp.30-31). Se, por um lado, o distanciamento entre os patrimônios culturais manifestava-se fundamentalmente na positividade de experiências,

preferências e sentimentos, aos combatentes da República a sanidade, a capacidade de formarem um "movimento nacional tonificante e forte", aos jagunços de Canudos a insanidade, o alheamento, o "indefinível", o estranhamento, os "restos de uma sociedade velha de retardatários", os pronomes possessivos usados por Euclides demonstram que a proximidade entre essas duas sociedades distintas parecia estar centrada na herança de patrimônios culturais negativos (Cunha, 2003, pp.30-31).

Enquanto jornalista e correspondente, o polígrafo se dedicava em interrogar diversos combatentes que retornavam do conflito e percebia nos relatos "opiniões desencontradas", "conclusões opostas" sobre os "inimigos" da pátria republicana, pois enquanto alguns afirmavam um estado de abandono e destruição da "povoação" sertaneja, outros ratificavam a sua "longa e tenaz resistência" capaz de retardar ainda mais a resolução do conflito (Cunha, 2003, pp.34-35). Assombrado com o número de feridos "enchendo inteiramente todos os hospitais", Euclides reforça aos seus interlocutores seu "inteiro conhecimento de causa" de que aquela sublevação de Canudos não podia ser "resumida nas agitações de um arraial sertanejo", suas observações minuciosas se atinham para a influência que Conselheiro, o "sinistro evangelizador dos sertões", exercia não apenas sobre as regiões remotas do norte baiano, mas também sobre a própria capital que hospedava as tropas do Exército brasileiro[13] (Cunha, 2003, p.35).

Ao entrevistar Agostinho, um jagunço adolescente de 14 anos trazido de Canudos pelo "Coronel Carlos Teles", Euclides começa a reunir informações mais concretas sobre as "figuras preponderantes que rodeiam o Conselheiro" e suas respectivas funções dentro da estrutura social sertaneja, dentre elas destacam-se João Abade "braço direito do rude evangelista", comandante dos "fanáticos no combate de Uauá", "executor supremo das ordens do chefe" e responsável pelas punições e castigos, "em frente às igrejas", sobre os desviantes da sociedade sertaneja, "aos que roubam" e as "mulheres que procedem mal", Vilanova, "comerciante, dono das melhores casas de negócio", Pedrão, comandante dos jagunços na "travessia admirável de Cocorobó" e Manuel Quadrado, "curandeiro experimentado", "conhecedor de todas as folhas e raízes

---

[13] Em depoimento escrito dia 16 de agosto, Euclides afirma: "[...] nesta hora mesma, aqui, há velas que se acendem em recônditos altares e preces fervorosamente murmuradas em prol do sinistro evangelizador dos sertões, cujos prosélitos não estão todos lá [...]" (Cunha, 2003, p.35).

benéficas", investigador das "drogarias inexauríveis e primitivas das matas" (Cunha, 2003, pp.39-40).

> Quanto a Antônio Conselheiro, ao invés da sordidez imaginada, dá o exemplo de notável asseio nas vestes e no corpo. Ao invés de um rosto esquálido, agravado no aspecto repugnante por uma cabeleira mal tratada onde fervilham vermes, emolduram-lhe a face magra e macerada, longa barba branca, longos cabelos caídos sobre os ombros, corredios e cuidados (Cunha, 2003, p.40).

Indiscutivelmente as descontinuidades em termos de distância social e distância psicológica e possivelmente os dialetos locais que estruturavam os relatos do adolescente não impediam a aproximação e a interação entre indivíduos representantes de diferentes patrimônios culturais (Velho, 1981, pp.124-125). Decerto que temos acesso apenas à tradução e à interpretação realizada por Euclides para seus interlocutores de São Paulo, por isso a ênfase sobre certos papeis sociais que encontram certa correspondência nos referenciais culturais das cidades litorâneas do país. Traçando um paralelo podemos pensar: João Abade (punição dos desviantes – polícia, prisão), Vilanova (homem de negócio – mercado), Pedrão (comandante em combate – oficial militar, exército), Manuel Quadrado (curandeiro – farmacêutico).

Neste breve exercício de análise, podemos ver o quanto o contato com apenas um representante de realidade social diferente, resulta em experiências que instigam os parâmetros e referenciais culturais e colocam em questão pressuposições acolhidas antes mesmo de se conhecer a respectiva sociedade e seus habitantes. Se por um lado ao escutar o depoimento Euclides se desfez de certos preconceitos que possuía sobre a figura de Conselheiro, ainda na Bahia, ao pesquisar em arquivos empoeirados, "brochuras antigas", em "jornal modestíssimo e mal impresso", datado de 1894, acaba fortalecendo a sua narrativa que identificava a ameaça de Canudos enquanto sublevação monarquista liderada por Conselheiro (Cunha, 2003, p.46).

O interesse em entender o surgimento do movimento social sertanejo, resultou ainda no contato com um livro escrito, em 1882, pelo "Tenente-Coronel Durval Vieira", denominado *Descrições Práticas da Província da Bahia*, que trazia informações e "dados estatísticos valiosos" acerca das "povoações visitadas" em inspeções dos "destacamentos policiais da Bahia" (Cunha, 2003, p.47). Neste importante registro, Euclides da Cunha repara, nas descrições do oficial militar sobre a região de Monte Santo, uma alusão à Conselheiro, de tal forma a comprovar a avença de sua narrativa

que, dentre outros fatores, aliava o florescimento da guerrilha de Canudos ao comportamento supostamente permissivo da forma de governo precedente.

Mais adiante, nessa correspondência que se propõe analisar mais detalhadamente a figura de Conselheiro, o polígrafo recorre ao legado de seu patrimônio cultural atrelado aos saberes matemáticos, desenvolvidos principalmente nos seus anos de formação educacional, e aos filosóficos, possivelmente ligados aos seus estudos extracurriculares realizados durante sua estadia na Escola Militar da Praia Vermelha, para explicar o valor simbólico do homem religioso que liderava a povoação sertaneja.

> A matemática oferece-nos neste sentido uma apreciação perfeita: Antônio Conselheiro não é um nulo, é ainda menos, tem um valor negativo que aumenta segundo o valor absoluto da sua insânia formidável.
>
> Chamei-lhe por isto, em artigo anterior, grande homem pelo avesso.
>
> Gravita para o *minimum* de uma curva por onde passaram todos os grandes aleijões de todas as sociedades. Mas está em evidência; não se perde no anonimato da mediocridade coletiva de que nos fala Stuart Mill, embora seja inferior ao mais insignificante dos que a constituem (Cunha, 2003, p.49).

O acesso a ferramentas próprias das ciências naturais e matemáticas para explicar e interpretar comportamentos sociais e individuais observados era prática recorrente em textos, artigos jornalísticos e até poesias de Euclides, sendo assim, não é de se impressionar que muito de seu esboço teórico se atentava às "condições mesológicas" da caatinga baiana como condição necessária para entender o "nexo inegável" entre as características que compunham o "temperamento moral" dos sertanejos e as "condições físicas ambientes" (Cunha, 2003, p.49). No caso particular de Antônio Conselheiro, sua tese, impressionada com a "tenacidade inquebrantável" dos sertanejos, via na correspondência com o meio a condição para a formação de uma figura "profundamente obscura e bárbara" capaz de dominar e influenciar durante tanto tempo as "massas que cegamente lhe obedecem" a resistir aos avanços da "civilização" (Cunha, 2003, p.49)[14].

Ao sair da Bahia e chegar a Queimadas, Euclides se depara com a estrada para Monte Santo, descrevendo-a como "vereda estreita e sinistra", descobriu-se que a catinga lhe causava há muito tempo uma "curiosidade ardente", sua flora "estranha", "impressionadora" e assombrosa configuravam, como vimos, parte central de seu objeto

---

[14] "[...] uma alma que num outro meio talvez vibrasse no lirismo religioso de Savanarola, ou qualquer outro místico arrebatado numa idealização imensa." (Cunha, 2003, p.49).

de análise (Cunha, 2006, p.70). Resultado do estranhamento com o exótico, de cara o polígrafo se depara com a insuficiência dos seus repertórios de estudo para elaborar uma descrição mais apropriada sobre a diversidade de espécies de plantas e vegetais da região sertaneja. Até mesmo seu vasto conhecimento técnico e teórico desenvolvido especialmente durante os anos na Escola Militar encontrava entraves no contato com a realidade da caatinga, desconhecia-se a riqueza e profundidade daquele bioma brasileiro.

Esse relato biográfico ratificava a condição defasada do próprio conhecimento social disponível sobre aquela realidade, pois adiante Euclides afirma, no desconhecido, também a capacidade de "assombrar ao mais experimentado botânico." (Cunha, 2006, p.70).

> Eu, porém, perdi-me logo, perdi-me desastradamente no meio da multiplicidade das espécies e atravessando, supliciado como Tântalo, o dédalo das veredas estreitas, ignorante deslumbrado – nunca lamentei tanto a ausência de uma educação prática e sólida e nunca reconheci tanto a inutilidade das maravilhas teóricas com as quais nos iludimos nos tempos acadêmicos. (Cunha, 2006, p.70).

Percebe-se que dentro do contexto de produção do diário, prescindia-se de uma observação detalhada do meio, como dissemos, talvez seja impossível considerar o exercício destas práticas e habilidades, alheio aos requisitos fundamentais de elaboração da caderneta de viagem de cunho científico. Conhecimentos teóricos apreendidos durante a sua formação escolar e seus interesses individuais, predileção por estudos acadêmicos, filosóficos, teóricos, compôs um largo arcabouço, mas que exprimia uma lacuna nos aprendizados mais práticos demandados pelo contexto da viagem.

Por isso, mesmo sem os aparatos para explorar esse "quadro absolutamente novo" que se configurava em vegetação, do "meio", sua narrativa, conforme avançava em direção a Canudos, encontrava outra realidade, bem distante das cadernetas, das anotações, dos livros, diferente daquilo que convivia, exigindo do jornalista outros conhecimentos, outra educação (Cunha, 2006, p.69-70-71). Ao polígrafo constata-se um compromisso com o ofício profissional, inquirindo os antigos habitantes de Queimadas, tais quais verdadeiros "informantes", região relativamente vizinha ao arraial de Canudos, Euclides escreve: "Não é de se espantar a ninguém a resistência espantosa e desdobrada." (Cunha, 2006, p.73).

Dentre estes que acompanharam de perto o contexto de surgimento do movimento social, a formação dessa população sertaneja ligada ao Conselheiro estivera atrelada ao comportamento de barões e fazendeiros do litoral brasileiro, muito da migração e formação social desta comunidade era resultado de uma precarização do trabalhador livre mestiço e do descaso secular com a população negra recém-alforriada (Canudos, 1978). A congregação dos desamparados, dos sofridos, dos angustiados, dos rejeitados na formação de um aglomerado urbano independente do poder e da autoridade civil e eclesiástica, representava as descontinuidades entre dois mundos internos a uma nação (Canudos, 1978).

Investigativo, Euclides expressava em seu relato jornalístico, mesmo na pouca compreensão deste complexo processo imigratório, a interpretação de que Conselheiro e Canudos representavam uma "atração irresistível" para uma "multidão sem lar" composta de "famílias inteiras" de regiões mais remotas, tais como Mundo Novo (Piemonte do Paraguaçu - 14) e Entre Rios (Litoral Norte e Agreste Baiano – 18), e vizinhas como Inhambupe (Litoral Norte e Agreste Baiano - 18), Tucano (Sisal - 04) e Cumbe (Semiárido Nordeste II - 17)[15] (Cunha, 2006, p.73). Este processo de deslocamento de pessoas delimitado ao território do estado da Bahia, atestado como "fato" e descrito pelas testemunhas inquiridas por Euclides, impressionava por sua feição religiosa, nas palavras do polígrafo "verdadeiras romarias":

> Homens, mulheres e crianças, velhos trôpegos e titubeantes, moços robustos e desempenados – carregando imagens de todos os tamanhos e de todos os santos, acurvados sob andores –, passaram, cruzes alçadas, à frente, entoando ladainhas, lentamente, pelas estradas. (Cunha, 2006, p.73).

Desse modo, em termos de descrição prática sobre a configuração daquela sociedade sertaneja, previa-se e enfatizava-se uma organização social fortemente estruturada pelo simbolismo religioso, capaz de justificar deslocamentos territoriais dentro do estado. Canudos era a "Meca dos jagunços" (Cunha, 2003, p.26), certamente avessa aos referenciais republicanos fundados em premissas de secularização, composta por "rudes patrícios" que, para Euclides, depois de vencidos deveriam ser incorporados à "civilização", pois constituiriam o "cerne da nossa nacionalidade" (Cunha, 2003, p.59). O "homem do sertão", mestiço de "resistência prodigiosa" e "organização potente" (Cunha, 2003, p.58), talvez por comportar a mistura de diferentes raças

---

[15] Ver Anexo 1 – Mapa dos Territórios de Identidade do Estado da Bahia.

intimamente ligadas aos processos históricos brasileiros, aparecia na narrativa euclidiana como a possível explicação para a identidade nacional, a manifestação mais bruta, genuína e primária da nacionalidade brasileira.

A chegada à Monte Santo coincidiu com o aniversário da independência brasileira, no dia 7 de setembro de uma "alvorada triste", a cidade que, para Euclides, comportava o "jogo persistente de antíteses", pois ao mesmo tempo reconhecia-se um dos "lugares mais belos e interessantes do nosso país" e a repugnância de "vielas estreitíssimas e tortuosas" que se configuravam como "imensos encanamentos de esgoto", naquele momento comprimia "dois mil soldados" e acotovelava "seres de todos os graus antropológicos" que se avolumavam na sua "única praça, largamente batida pelo sol" (Cunha, 2003, p.72).

> Passam oficiais de todas as patentes e de todas as armas, passam carreiros poentos e cansados, passam mulheres maltrapilhas, passam comerciantes, passam soldados a pé e a cavalo, feridos e convalescentes; e cruzam-se em todos os sentidos, atumultuadamente, num baralhamento desordenado e incômodo de feira corrida e mal policiada. (Cunha, 2003, pp.72-73).

Mesmo em tal situação, seus relatos descreviam uma "sensação esmagadora de uma imobilidade do tempo", de monotonia: "A terra realiza a sua rotação eterna, os dias sucedem-se astronomicamente, mas não mudam aqui. Parece que é o mesmo dia que se desdobra sobre nós – indefinido e sem horas –, interrompido apenas pelas noites ardentes e tristes" (Cunha, 2003, p.73). O relato em tom biográfico atestava não apenas o fenômeno social da sua experiência com a dimensão de temporalidade nesse contexto certamente inusitado ao *sertão* da Bahia; exprimia também a ansiedade da proximidade de Canudos, lugar aonde ao menos se achava a "diversão perigosa dos assaltos" (Cunha, 2003, p.73), e as "saudades profundas" (Cunha, 2003, p.65) que sentia "dos entes queridos que aí estão, tão longe..." (Cunha, 2003, p.61).

Os relatos da guerra afirmavam a constância quase diária dos conflitos, e como consequência da longevidade da guerra, as forças republicanas agora contavam com os ensinamentos de uma "rude aprendizagem", copiavam o "modo de agir do inimigo":

> Dispersam-se como ele nas caatingas e caçam-no também como ele nos caça; deslizam como ele, destramente, entre os espinhos, de rastros, cozidos com o chão, acobertando-se em todos os acidentes do solo, engrimponando-se na galhada inextricável das umburanas; rápidos como ele, como ele aparecendo e desaparecendo de um modo fantástico, pondo a astúcia diante da astúcia, jogando a cilada contra a cilada.

A “rude escola de dificuldades e perigos” (Cunha, 2006, p.124), articulada na primeira antítese sobre os sertões da Bahia e Canudos, agora contava com seus “instrutores selvagens”, estes eram os jagunços que, através do combate, ensinavam suas próprias “leis” e estratégias de conflito[16] aos seus aprendizes e oponentes, os “soldados” republicanos (Cunha, 2003, p.74). Demonstrava-se, portanto, a centralidade do meio como uma constância que permeava a fabricação da narrativa euclidiana, visto que ele justificaria o prolongamento da campanha, seria responsável pelas principais características sociais e antropológicas daquela povoação e, por último, a adaptação a ele, por parte dos combatentes da República, pela adesão a certas práticas de guerra dos sertanejos de Canudos, não apenas tornava a luta mais “leal e franca”, como também acarretava em desvantagens aos “bárbaros” de Antônio Conselheiro (Cunha, 2003, p.74).

Ao percorrer “a longa via-sacra de três quilômetros de comprimento” e escalar a serra de “feição altamente pitoresca” de Monte Santo, Euclides se ampara de ferramentas científicas para embasar suas observações sobre a formação geológica e granítica da região e, após ter chegado e descido de seu cume, tendo observando do alto “perspectivas belíssimas”, aponta um exemplo de como pensava a incorporação prática daquele cenário aos parâmetros civilizacionais (Cunha, 2003, pp.74-75): “Aproveitando convenientemente aquela altura aliada a mais dois ou três dos acidentes de terreno que apontam ao norte, poder-se-ia, de há muito, ter estabelecido um telégrafo óptico, de transmissão pronta, por meio de um jogo combinado de cores, com Canudos.” (Cunha, 2003, pp.75-76).

Bem verdade que, ao polígrafo, aquela “natureza inteira” ainda se preparava para receber a “organização superior da vida”, talvez as notícias que anunciavam a chegada do “morteiro e o obus Canet” (Cunha, 2006, p.86) à monte Santo corroborassem para demolir os percalços que serviam de entraves para o processo civilizatório. Nesse sentido, o bombardeio das “duas grandes torres da igreja nova de Canudos” informado pelo “General Artur Oscar” deve realmente ter soado como uma “agradável notícia” aos ouvidos de Euclides, o fato é que este acontecimento simbolizava o fim próximo da

---

[16] “[...] o trilar dos apitos determina evoluções rápidas corretamente executadas – dilatando, encurtando, fazendo avançar e retroceder, movimentando em todos os sentidos, vertiginosamente, as linhas de atiradores perfeitamente dispostas.” (Cunha, 2003, p.74).

guerra e, em consequência, a vitória da campanha republicana frente ao seu primeiro obstáculo histórico (Cunha, 2003, p.78).

A chegada à Canudos é marcada pela surpresa de Euclides com a "disposição topográfica" e a "constituição geológica" da "cidadela sertaneja", novamente em narrativa muito atenta à geografia da região, detida em descrever com retoques literários as "inúmeras colinas", a "elipse majestosa de montanhas", que abrigavam em seu "centro" o arraial construído próximo às margens do Vaza-Barris, talvez pela primeira vez seja possível ler um relato mais completo sobre a complexidade organizacional da sociedade sertaneja (Cunha, 2003, p.78):

> Do alto da trincheira Sete de Setembro, erguida num contraforte avançado do morro da Favela, quem observa tem a impressão inesperada de achar-se ante uma cidade extensa, dividida em cinco bairros distintos e grandes, revestindo inteiramente o dorso das colinas.
>
> [...]
>
> *Não há propriamente ruas, que tal nome não se pode dar às vielas tortuosas, cruzando-se num labirinto inextrincável – e as duas únicas praças que existem, excetuada a das igrejas, são o avesso das que conhecemos: dão para elas os fundos de todas as casas; são um quintal em comum.*
>
> Á esquerda da linha definida pelo observador e a parede anterior da igreja nova, acha-se a parte rica – casas de telhas avermelhadas e de aparência mais correta, um tanto maiores que as demais e mais ou menos alinhadas num arremede de arruamento. Estendendo-se em torno destas, apresentam-se, numerosíssimas e como que feitas por um único modelo, as casinhas que constituem a maior parte do clã de Antônio Conselheiro.
>
> Feitas de pau-a-pique e divididas em três compartimentos, no máximo, são como que uma paródia grosseira da antiga casa romana: um átrio que é a um tempo a cozinha, sala de jantar e de recepção, um vestíbulo estreito em algumas, e uma alcova. Cobertas de uma camada de cerca de quinze centímetros de barro, lembram neste ponto as casas dos gauleses de César. (Cunha, 2003, p.79).

Para fins de tradução e de aproximação sua e de seus interlocutores com aquela realidade, Euclides de longe observava com "binóculos" e se utilizava do artifício de fornecer uma imagem acessível aos referenciais culturais de seus leitores a partir da comparação daquela organização arquitetônica de Canudos com outros exemplos históricos da antiguidade, por isso caracteriza explicitamente os modelos dos edifícios da povoação sertaneja como: "paródia grosseira da antiga casa romana"; "casas dos gauleses de César"; "vastíssimo *Kraal* africano"; "cidade bíblica fulminada pela maldição tremenda dos profetas" (Cunha, 2003, pp.79-80). Nesse caso, é possível rastrear o estranhamento com as ruas de Canudos, ou nas palavras do polígrafo, com as "vielas tortuosas" que se demonstrava como um "labirinto inextrincável", "avesso do

que conhecemos", também como consequência da sua familiaridade com o ambiente cultural urbanizado (Cunha, 2003, p.79).

As "paredes mestras" e "pedras enormes" das igrejas resistiam aos bombardeios da artilharia como se resistissem ao movimento representado pelas forças republicanas em prol da suposta civilização, tal qual uma síntese da luta, que naquele momento se encaminhava para o término, Euclides confirmava a tese central das "dificuldades de um combate travado" naquele meio, como justificação para as sucessivas derrotas republicanas (Cunha, 2003, p.80):

> Nada mais perigoso e difícil do que a marcha de um exército em tais lugares; é como se atravessasse o recinto complicado de uma fortaleza. Cada batalhão, cada brigada, o exército inteiro é fatalmente batido por todos os lados pelo inimigo invisível sempre, acobertado ora pelos valos que sulcam as encostas, cujas bordas mascaradas por enredados renques de macambiras não deixam perceber o atirador ousado, ora pelas trincheiras cavadas no alto, circulares ou elípticas, dentro das quais não caem as balas nem mesmo no ramo descendente das trajetórias. (Cunha, 2003, p.81). [17]

É interessante perceber que as descrições de Euclides, principalmente neste momento da narrativa, buscavam caracterizar os jagunços que combatiam e defendiam o modelo de sociedade de Canudos como figuras demoníacas[18], talvez em alusão ao alto número de baixas dos soldados do Exército, quem sabe ratificando a necessidade do extermínio daquela sociedade subversiva, nesses termos, decerto relatava aos seus leitores uma guerra entre o bem e o mal. Estando cem metros distante da fuzilaria, encontrava-se com prisioneiros que chegavam e revelavam, mesmo em relatos curtos, a crueza do desastre humanitário do conflito; em descrições detalhadas, por outro lado, o polígrafo corroborava para a preservação histórica das memórias desastrosas daquele combate sinistro.

> Acabam de chegar alguns prisioneiros.
>
> O primeiro é um ente sinistro – um estilhaço de granada transformou-lhe o olho esquerdo numa chaga hedionda, de onde goteja um sangue enegrecido; baixo e de uma compleição robusta, responde tortuosamente a todas as perguntas.
>
> Está apenas há um mês em *Belo Monte* e nada tem com a luta; nunca deu um tiro porque tem *coração mole*, etc. Nada revela.

---

[17] "Nos combates cruentos de 18 de julho ostentaram-se, de modo notável, estas condições táticas formidáveis." (Cunha, 2003, p.81)

[18] "[...] legião invisível e intangível de demônios..." (Cunha, 2003, p.80); "[...] o mesmo inimigo, intangível e rápido como um demônio, [...]" (Cunha, 2003, p.81).

> [...]
>
> Chega mais um jagunço preso.
>
> Deve ter sessenta anos – talvez tenha trinta; vem meio desmaiado: no peito desenha-se, rubra, a lâmina de uma espada, impressa por uma pranchada violenta. Não pode falar, não anda.
>
> Mais outro: é um cadáver claudicante. Foi ferido há dois meses pela explosão de um *shrapnel* quando se acolhia ao santuário. Uma das balas atravessou-lhe o braço e a outra, o ventre. E este ente assim vive, há dois meses, numa inanição lenta, com dois furos no ventre, num extravasamento constante dos intestinos. A voz sai-lhe da garganta imperceptível quase. Não pode ser interrogado, não viverá talvez até amanhã.

Euclides notavelmente desenvolveu uma série de documentos históricos que hoje servem de materiais e fontes necessárias para o desenvolvimento de uma compreensão completa sobre os impactos daquela que foi a primeira guerra civil da República brasileira. Em telegrama ao jornal, o polígrafo descreve um cenário de casas queimadas, de tiroteios e bombardeios compassados da artilharia (Cunha, 2006, p.94), enquanto nos artigos, sua atitude profissional ressoava em transcrições dos questionamentos realizados ora pelas autoridades militares, ora por conta própria, das palavras empregadas nas respostas de viúvas aprisionadas, e até em análises dos projéteis de balas e "munições de guerra" (Cunha, 2003, pp.85-87). Escreveu tomado por inúmeras perguntas e acompanhava os últimos delineamentos de uma luta de "feição misteriosa" que ainda precisava "ser desvendada", tratava-se ainda de fornecer a explicação de como os jagunços tinham conseguido acesso a "armas modernas" não disponíveis aos batalhões militares, e de como os jagunços adquiriam tantos suprimentos para sustentar prolongada resistência (Cunha, 2003, p.89).

Essas questões ficariam em segundo plano frente aos desastres da guerra, pois frente aos depoimentos de alguém que vivenciara de perto a situação real das consequências de um combate "violento e mortífero", os feridos acumulados, o "chão ensangüentado", o "sol inclemente e fulgurante", os "zumbidos agourentos e incômodos das moscas", os "gemidos da dor", os "soluços extremos da morte" que ressoavam no ar em "coro sinistro de imprecações, queixas e gemidos", Euclides se fazia testemunha histórica dos horrores da civilização, de certo uma experiência capaz de fazê-lo questionar os propósitos e os ideais que motivavam esta guerra, ou seja, de impactar os mesmos referenciais culturais que inicialmente defendera com tanto fervor (Cunha, 2003, pp.102-103).

> Felizes os que não presenciaram nunca um cenário igual...

> Quando eu voltei, percorrendo, sob os ardores da canícula, o vale tortuoso e longo que leva ao acampamento, sentia um desapontamento doloroso e acreditei haver deixado muitos ideais, perdidos, naquela sanga maldita, compartindo o mesmo destino dos que agonizavam manchados de poeira e sangue... (Cunha, 2003, p.102-103).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia procurou fornecer, a partir do estabelecimento de um recorte sociobiográfico da personagem histórica Euclides da Cunha (1866-1897), algumas contribuições para futuras análises sobre a vida de Euclides da Cunha, e em especial sobre seus artigos de viagem publicados no jornal O Estado de São Paulo. Essa ampla pesquisa que, como referido na introdução, se justifica também pelo interesse em compreender processos históricos nacionais, procurou sublinhar, em três momentos da biografia do polígrafo, acontecimentos avaliados como decisivos para a sua formação intelectual: formação escolar primária e secundária; experiência na Escola Militar da Praia Vermelha; viagem como correspondente a Canudos.

Em meus estudos sobre a vida de Euclides da Cunha, procurei desenvolver um conjunto de informações sobre as experiências biográficas visando alargar minha compreensão sobre o conteúdo expresso no Diário de uma Expedição. Desta forma, os primeiros estudos trataram de investigar sobre: o contexto social de Cantagalo antecedente ao seu nascimento; os primeiros acontecimentos de sua vida; a participação em instituições educacionais; as influências e preferências literárias; os interesses políticos e filosóficos; os fundamentos teóricos básicos e a linguagem empregada em alguns textos; e os sentimentos manifestados em poesias autorais e cartas pessoais.

Além das fontes primárias, destaco algumas das referências secundárias que figuram nesse processo de pesquisa: Andrade (2002), Svcenko (2003), Amory (2009), Souza & Galvão (2007), Nogueira (2017), Santana (1996), Considera (2009); Ventura (1990); Castro (2000; 1995) Barbosa (2002).

No intento de desvendar a trajetória de vida responsável pela formação do patrimônio cultural (Velho, 1981, p.124) de Euclides, resolvi acompanhar os primeiros processos de sua socialização. Sua infância é repleta de dramas, dores e traumas, pois perde a mãe e a tia prematuramente e, como consequência, tem seu ambiente familiar abalado (pai vende fazenda recebida como dote do casamento). O apoio da estrutura coronelista de parentela, exemplificado nas figuras de Laura Garcez e do coronel Magalhães Garcez, demonstrou-se primordial para a inserção da criança no meio social e cultural da urbanidade carioca, e foi imprescindível para a sua participação em diversas instituições educacionais da época (Escola de São Fidelis e Colégio Caldeira).

Ao leitor que se atentou às citações do Diário de uma Expedição, evidenciou-se ainda mais a relevância da passagem de Euclides pelo Colégio Caldeira. O vasto vocabulário, o domínio das ferramentas da língua em descrições minuciosas, certamente possui suas raízes no aprendizado escolar voltado à formação erudita. O referencial cultural do polígrafo, firmado a partir da sua própria experiência de vida, atribuía aos primeiros quinze anos de vida a necessidade de frequentar instituições ensino, de desenvolver habilidade de ler e de realizar as operações matemáticas básicas, de cumprir um currículo escolar centrado no ensino de Gramática Portuguesa, Retórica e rudimentos de Latim, Francês e Inglês.

Por exemplo, ao relatar algumas informações no depoimento de Agostinho, jagunço adolescente, Euclides possivelmente percebia na ausência destes referenciais culturais familiares não apenas uma lacuna formativa no desenvolvimento intelectual dos sertanejos, supostamente decorrida da interação entre o homem e meio da caatinga, mas também todo o fundamento primário da problemática nacional da incorporação dos exóticos (habitantes de Canudos) aos parâmetros civilizatórios (instituições de ensino, inserção no meio letrado através da alfabetização).

A pressuposição analítica fundou-se na percepção de que Euclides via o exótico a partir dos patrimônios culturais adquiridos durante os seus processos de socialização. Desse modo, a interação entre o correspondente e os jagunços é estruturada principalmente pelas descontinuidades entre os dois patrimônios culturais: enquanto constata-se ao polígrafo, durante a sua adolescência, o hábito de escrever poesias, de cursar, estudar e realizar exames de proficiência em disciplinas como Português, Geografia, Francês, Retórica, História, Inglês, Aritmética, Geometria, Matemática e História; ao jagunço Agostinho pouco se sabe de suas referências culturais, em sentido mais geral, crescia em meio ao cenário de guerra e era obrigado a responder aos questionamentos de jornalistas e os inquéritos das autoridades militares que procuravam conhecer mais sobre a desconhecida organização social de Canudos.

Sua formação superior é marcada pelo regramento institucional, – estudantes militares eram obrigados a usarem uniformes e a viverem em regime de internato; pelo valor atribuído ao mérito pessoal; pelo contato com disciplinas como álgebra, geometria analítica, telegrafia elétrica militar, topografia, ataque e defesa dos entrincheiramentos e das praças de guerra; e pelo contato com teorias evolucionistas, darwinistas,

materialistas, positivistas; pela proximidade com a Rua do Ouvidor. Durante a pesquisa, busquei evidenciar a importância da experiência na Escola Militar como espaço de acirramento das questões republicanas da personagem histórica, a partir de quatro principais dimensões: (i) ingresso na Escola Militar (centro cultural de oposição ao governo imperial); (ii) proximidade com a atividade intelectual do espaço urbano carioca; (iii) acontecimento de insubordinação de 1888; (iv) posicionamentos revolucionários em artigos publicados no jornal A província de São Paulo;

Depois de reunidas as informações sobre a personagem histórica, durante a terceira e última parte, procurou-se analisar os conteúdos dos artigos publicados antes e durante a viagem à Bahia, buscando entender os fundamentos da teoria da identidade a partir da díade do "exótico" e do "familiar" (Velho, 1981). Esta investigação demonstrou-se importante, pois entendo nesse conjunto de produções intelectuais, resultantes das experiências sociobiográficas, o material que contém informações preciosas sobre talvez o momento mais decisivo da formação intelectual de Euclides da Cunha, tendo em vista que nestes relatos edifica as bases do livro que o sagrou membro da Academia Brasileira de Letras.

Pode-se dizer que mais do que uma tentativa de adaptação daquela realidade de Canudos às teorias estrangeiras, observou-se, no *Diário de uma Expedição*, quem sabe por conta do privilégio resultante do distanciamento com suas cadernetas e livros científicos, um sujeito afeito aos acontecimentos reais daquela guerra, procurando inquirir pessoas envolvidas direta ou indiretamente naquele conflito, de modo a coletar os mais diversos dados, traduzi-los, interpretá-los, e analisá-los a partir de seus referenciais culturais.

Desse modo, ressalto alguns dos principais enfoques analíticos que conduziram essa última etapa da pesquisa: (i) explicitar a estrutura argumentativa que embasa a narrativa dos textos sobre Canudos, ilustrando os elementos simbólicos empregados para a caracterização do exótico (outro); (ii) identificar o papel desempenhado pelo meio e pelo homem nessas narrativas antitéticas; (iii) perceber, na narrativa de Euclides, as descontinuidades entre o mundo correspondente e o mundo dos sertanejos de Canudos; (iv) demonstrar momentos em que a narrativa de Euclides procura inserir o movimento de Canudos em modelos normativos da história supostamente universal; (v)

identificar as construções narrativas como parte do exercício intelectual de tradução da sociedade sertaneja aos leitores do jornal.

ANEXO 1 – Mapa dos Territórios de Identidade do estado da Bahia

Fonte: BAHIA, 2012.

BIBLIOGRAFIA

ALONSO, Angela. Balas movimento e contramovimento. In: *Flores, votos e balas o movimento abolicionista brasileiro (1869-88)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015

ALONSO, Angela. Crítica e contestação: o movimento reformista da geração de 1870. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, vol. 15, n. 44, pp. 35-55, out. 2000.

AMADO, Janaína. *Região*, Sertão, Nação. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995, p. 145-151.

AMORY, Frederic. *Euclides da Cunha*: Uma Odisseia nos Trópicos. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

ANDRADE, Olímpio de Souza. *História e interpretação de Os sertões*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002.

ANDRADE, Olímpio de Souza. Introdução. In: *Canudos e outros temas*. Brasília: Senado Federal, vol.2, 2003.

BAHIA. *Estatísticas dos Municípios Baianos*. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia-SEI. Salvador: SEI, 2012.

BARBOSA, Keith Valéria de Oliveira. A Vila de Cantagalo: *agency*, paisagens e contextos. In: *Escravidão, saúde e doenças nas plantations cafeeiras do Vale do Paraíba Fluminense, Cantagalo (1815-1888)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz, Rio de Janeiro, 2014.

BARBOSA, Francisco de Assis. *Euclides da Cunha*: a marca de um drama. REVISTA USP, São Paulo, n.54, p. 38-51, junho/agosto, 2002.

BASTOS, Elide Rugai. A construção do debate sociológico no Brasil. *Idéias*, São Paulo, vol. 1, 2013: 287-300.

BOSI, Alfredo. O positivismo no Brasil: Uma ideologia de longa duração. In: *Do positivismo à desconstrução:* ideias francesas na América. São Paulo: EDUSP, 2004.

BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. *Educação e Pesquisa*, São Paulov. 28, n. 1, pp. 11-30, jan-jun. 2002.

CANUDOS. Direção: Ipojuca Pontes. Produção: Amilcar Branco; Ipojuca Pontes. Depoimentos: D. Alvina; Francisca Ribeiro; João Ferreira; Eduardo Padre; José Aras; Umberto Peregrino; Gilberto Mitchel; José Calazans. Presenças: Tiago; Salvador; Cícero; João Pedro; D. Patú; Josefa; Ciríaco. Roteiro: Ipojuca Pontes. Tereza Rachel Produções Artísticas; Thearte Hilton Have Produções; 1978. Disponível em: youtube.com/watch?v=vUAs3OSUP9Y&t=1402s; Acessado em: abril de 2021;

CARNEIRO, Edison. Singularidades dos Quilombos. In: Clóvis Moura (Org.) *Os quilombos na dinâmica social do Brasil*. Maceió: Edufal, 2001, pp. 13-20.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. Biografia, identidade e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica. *Horizonte antropológico*, Porto Alegre, v. 9, n. 19, p. 283-302, Jul. 2003.

CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro das sombras: a política imperial*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas*: O Imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASTRO, Celso. *A Proclamação da República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. E-book.

CASTRO, Celso. *Os Militares e a República*: um estudo sobre cultura e ação política. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

CONSIDERA, Anabelle Loivos. EUCLIDES NA RUA DO OUVIDOR – UM QUIXOTE NAS QUEBRADAS CARIOCAS. *INES*, Rio de Janeiro, n.32, pp.80-88, jul-dez. 2009.

CANDIDO, Antônio. Letras e ideias no período colonial. In: *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CUNHA, Euclides da. *Canudos e outros temas*. Brasília: Senado Federal, vol.2, 2003.

CUNHA, Euclides da. *Canudos:* Diário de Uma Expedição. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006.

CUNHA, Euclides da. CARTAS. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo. (Org.). *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

CUNHA, Euclides da. Ondas e outros poemas esparsos. In: COUTINHO, Afrânio (Org.) *Obra completa*. 2. ed. Rio de Janeiro : Nova Aguilar, 1995. 2 v. (Biblioteca Luso-Brasileira, Série Brasileira). Domínio público, disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000089.pdf.

CUNHA, Euclides da. Questões Sociais: I. Revolucionários. São Paulo: *A Província de São Paulo*, 4 de jan. 1888.

CUNHA, Euclides da. Atos e Palavras. São Paulo: *A província de São Paulo*, 10, 11, 12, 15, jan. 1889.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. *Sociologia, Problemas e Práticas*. Lisboa: Dossiê Biografia e Património, pp. 171-177, 1991.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, n.92-93, p. 69-82, jan./jun. 1988.

HOLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 26ª ed. 1995.

IBGE. *Cantagalo*. Brasil, 2015. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/cantagalo/historico. Acesso: 2021 (fevereiro).

LEMOS, Renato. Benjamin Constant: biografia e explicação histórica. Rio de Janeiro: *Estudos Históricos*, v. 10, n.19, p. 67-81, 1997.

MANIFESTO REPUBLICANO BRASILEIRO. In: BRASILIENSE, Américo. Os programas dos partidos e o 2º Império. São Paulo, 1878, pp.59-88.

MAUAD, A. M. Entre retratos e paisagens: modos de ver e representar no Brasil oitocentista. *Studium*, São Paulo n. 15, p. 3–9, 2019. Disponível em: https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/studium/article/view/11764. Acesso em: 30 mar. 2021.

MILAN, Yara Maria Martins Nicolau. *A educação do "soldado-cidadão" (1870-1889)*: a outra face da modernização conservadora. [387]f. Tese (doutorado). São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campina, 1993. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/253132>. Acesso em: 7 abr. 2021.

MONTAGNER, Miguel Ângelo. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 17, p. 240-264, Jun. 2007.

MORAES, Antonio Carlos Robert. O Sertão: um outro geográfico. *Revista Terra Brasilis*, Rio de Janeiro, v. 4/5, p. 11-23, 2003.

MOREIRA, Núbia Regina. *A noção de trajetória como possibilidade de pesquisa*. In: A presença das compositoras no samba carioca: um estudo da trajetória de Teresa Cristina. 2013. 132 f. Tese (Doutorado em Sociologia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

MOURA, Clóvis. *Sociologia do Negro brasileiro*. São Paulo: Editora Ática, 1988.

MURARI, Luciana. Literatura e transformação da sociedade no debate intelectual brasileiro: dos “modernistas” de 1870 aos modernistas de 1922. *Antares*, nº2, jul-dez, 2009, pp. 167-187.

NASCIMENTO, Abdias do. *Genocídio do negro brasileiro*: processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, F. R.. O Horizonte da liberdade e a força da escravidão: últimas décadas do século XIX. In: Gabriela dos Reis Sampaio, Lisa Earl Castilho, Wlamyra Albuquerque. (Org.). *Barganhas e Querelas da Escravidão*: tráfico, alforria e liberdade (Séculos XVIII e XIX). 1ºed. Salvador, Ba: EDUFBA, 2014, v. , p. 183-216.

NABUCO, Joaquim. *O abolicionismo*. Rio de Janeiro: Vozes de Bolso, 2012.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

PRIORE, M. L. M.; VENANCIO, R. *Uma breve história do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios*. Editora Alfa-Omega, 1976.

RAMOS, Guerreiro. *A redução sociológica*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

RAMOS, Guerreiro. *Crítica à Sociologia Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

SANTANA, José Carlos Barreto de. Euclides da Cunha e a Escola Politécnica de São Paulo. São Paulo: *Estudos Avançados*, v. 10, n. 26, p. 311-327, Abr. 1996.

SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.

SANTOS, M. O. Um olhar sobre as instituições escolares militares brasileiras do fim do século 19 ao início do século 20. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 88, p. 310-330, 2007.

SCHULZ, John. *O Exército na Política*: Origens da Intervenção Militar, *1850-1894*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças*: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, Lilia; STARLING, Heloisa. *Brasil*: uma biografia. 2. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão*: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República. São Paulo: Companhia das Letras, 2ª ed., 2003.

SILVA, Rachel Aparecida Bueno da. *O projeto da nação republicana na visão de Euclides da Cunha*. Dissertação (mestrado). São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2004. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/252860/1/Silva_RachelAparecidaBuenoda_M.pdf

SOUZA, Natália Peixoto Bravo de; GALVÃO, Gastão. *O Estigma de uma obra*: Euclides da Cunha e suas reapropriações sob o ponto de vista do positivismo e do evolucionismo. Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência, v. 5, p. 173-185, 2007.

STARLING, Heloisa. A República e o Sertão: Imaginação literária e republicanismo no Brasil. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 82, 133-147, 2008.

VENTURA, R. "A Nossa Vendéia": Canudos, o Mito da Revolução Francesa e a Formação de Identidade Cultural no Brasil (1897-1902). *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, [S. l.], n. 31, p. 129-145, 1990.

VENTURA, Roberto. Canudos como cidade iletrada: Euclides da Cunha na urbs monstruosa. *Rev. Antropol*. São Paulo, v. 40, n. 1, p. 165-181, 1997.

VENTURA, Roberto. Euclides da Cunha e a República. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 10, n. 26, p. 275-291, Apr. 1996.

VERÍSSIMO, José. *História da Literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1915. Domínio público, disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000116.pdf.